EVERNIGHT PUBLISHING ®



CAPONE

FALLEN GLIDERS MC

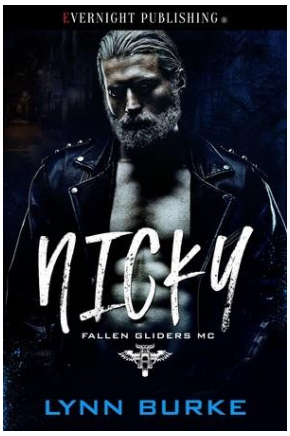
LYNN BURKE

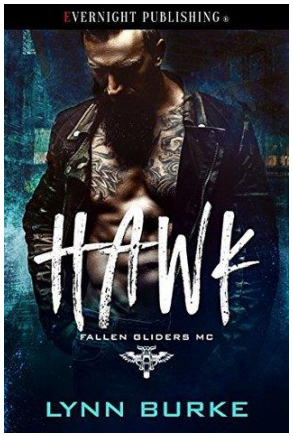


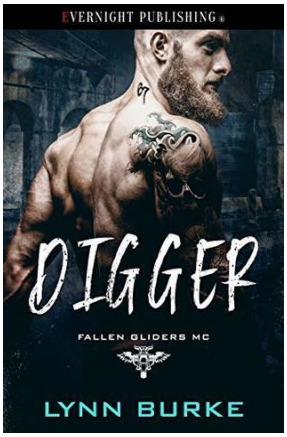
EXCLUSIVE STARS BOOKS

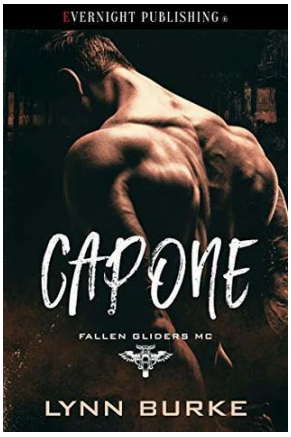
FALLEN GLIDERS MC

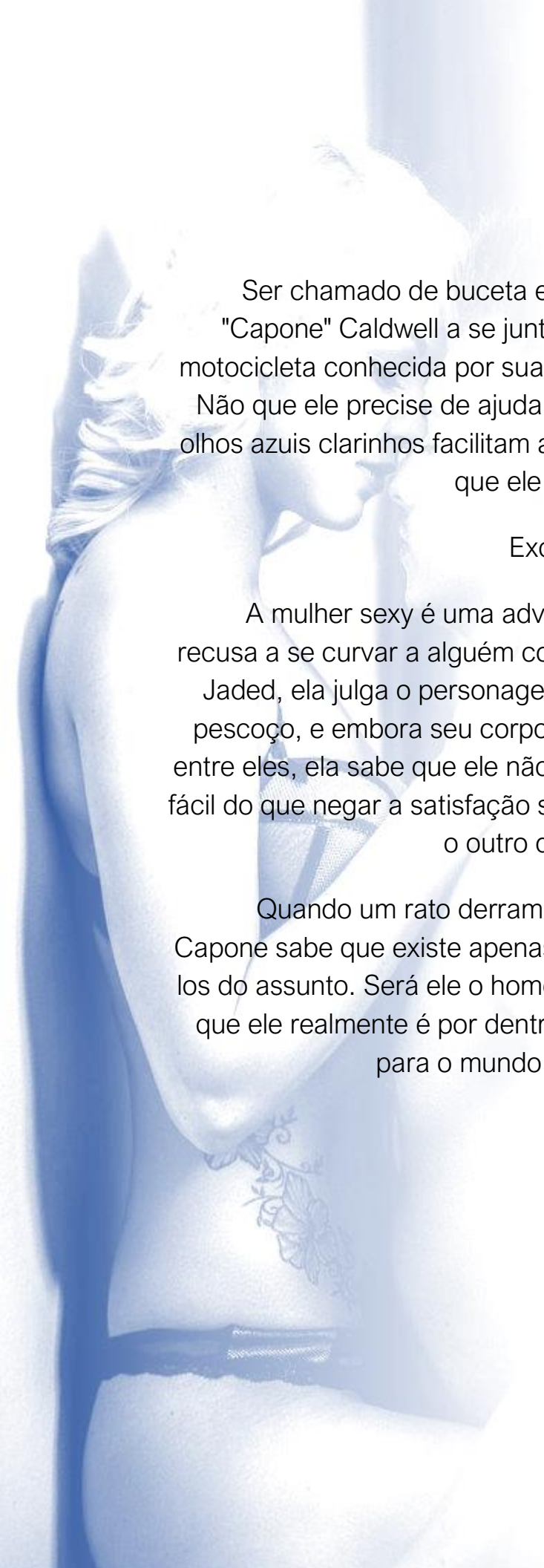
Lynn Burke











Ser chamado de buceta e bundão a sua vida inteira levou Jeremiah "Capone" Caldwell a se juntar aos Fallen Gliders, uma gangue de motocicleta conhecida por suas formas ásperas, festa difícil e mulheres. Não que ele precise de ajuda com o último. Seu sorriso encantador e olhos azuis clarinhos facilitam a entrada na calcinha de qualquer mulher que ele coloque os olhos.

Exceto Helina Bodnar.

A mulher sexy é uma advogada, uma espírito independente que se recusa a se curvar a alguém como os idiotas narcisistas de sua infância. Jaded, ela julga o personagem de Capone pelo "67" tatuado em seu pescoço, e embora seu corpo queira se soltar com a atração chiando entre eles, ela sabe que ele não é bom para ela. Dar à luxúria prova mais fácil do que negar a satisfação sexual, no entanto, deixando um amargo e o outro de coração partido.

Quando um rato derrama os segredos dos Gliders para a polícia, Capone sabe que existe apenas uma mulher que pode ser capaz de tirá-los do assunto. Será ele o homem de verdade que Helina deseja, aquele que ele realmente é por dentro, ou será que o homem que ele retrata para o mundo a perderá para sempre?

CAPONE

Mamãe estendeu a mão por cima do banco e pegou a minha quando eu deslizei para o banco acolchoado atrás dela e do papai. Ela ofereceu um pequeno e apertado sorriso, e em troca, ganhou um olhar do idiota narcisista ao lado dela. Ele não percebeu quando o sorriso da mamãe desapareceu e ela se virou.

Mesmo depois de cinco anos me afastando dos meus pais, eu ainda conseguia machucar meus sentimentos com o amor perfeito que papai sempre dizia ter. Com o maxilar cerrado, eu olhei para a parte de trás da sua cabeça, lembrando o que eu sou, quem eu realmente era desde que deixei esse relacionamento tóxico para trás.

Um Fallen Glider. Um motociclista malvado que andava com irmãos dez vezes pior do que eu jamais seria em meus vinte e um anos. Um jogador que tira o que quer de qualquer mulher que quisesse cair de joelhos ou abrir as pernas. Claro, sempre me assegurei de que elas também gostassem da experiência. Me chame de cavalheiro, mas prefiro ir embora sabendo que a moça estava satisfeita.

Meu irmão e seus padrinhos entraram na igreja de uma porta à direita e se posicionaram ao lado do padre. Uma imagem cuspida do papai em seu smoking preto e um idiota como ele também, meu irmão chamou minha atenção, seu rosto inexpressivo. Pelo menos ele abaixou a cabeça em resposta quando eu ofereci um aceno de saudação.

Três homens estavam ao lado dele, todos idiotas, todos os seus amigos que adoravam se juntar a mim quando éramos mais jovens. Eles eram mais seus irmãos do que eu, que ele não pediu para ser padrinho de casamento, aquele que não era bem-vindo para se sentar com os pais no banco da frente.

Por que eu me importei em ir ao casamento do meu irmão? O convite havia sido uma surpresa, não o fato de que ele se casaria com sua namorada submissa de longa data que aguentaria sua merda desde o colegial.

Ela era como a mamãe... como um capacho, desistindo de todo sentido de si mesma e sonhos para o homem que a governava.

Porra isso me deixava doente.

Mexi os músculos do meu maxilar novamente, voltei minha atenção para a cabeça careca na minha frente. Eu tentei esmagar o ressentimento com que lidei desde o ensino fundamental, quando percebi o que meu pai era, e finalmente tinha um rótulo para colocar na pessoa que deveria me amar incondicionalmente e me ensinar como ser um homem legal.

Em vez disso, eu escutei, “buceta” e “mulherzinha”, jogados na minha cara, tudo porque eu preferia estar na cozinha com mamãe em vez de ficar com meu irmão e seus amigos detestáveis, homens de verdade, como meu pai os chamava, isso fazia minha testa franzir e meus olhos encherem de lágrimas.

As coisas só pioraram quando a irmã do meu pai morreu e deixou sua fazenda algumas horas ao norte para mim, o único sobrinho que passava tempo com ela toda vez que minha família ia visitá-la. Eu havia trabalhado em seu jardim e, em troca, aprendi a ser autossuficiente. Não que eu alguma vez falei, mas a terra dela - a minha, para grande desapontamento do meu pai, era o lugar perfeito para cultivar algumas plantas de maconha.

A música começou, me atraindo de volta para a igreja católica que eu cresci assistindo. Duas mulheres caminharam pelo corredor, viraram para a esquerda e sentaram em seus lugares, sorrisos brilhantes e os olhos brilhando.

Por que diabos as mulheres gostam muito de casamentos? Quem, por direito próprio, queria amarrar a uma bola e corrente, alguém que nunca daria a adoração que esperavam? Casamento equivalia a besteira na minha opinião. Melhor foder quando você sentisse necessidade e sair não muito tempo depois.

Buceta praticamente se tornou meu passatempo favorito depois de cozinhar, uma vez que percebi que eu encontrava mais prazer em um buraco úmido e apertado do que na minha maldita mão. Eu tinha catorze anos na época, um retardado idiota, mas ela era mais velha. Com experiência. Ela me ensinou o que uma mulher precisava, como mantê-la na beira por tempo suficiente enquanto gozassem para que seus gritos arruinassem sua voz.

Eu mexi no banco da igreja, empurrando a boa e velha culpa católica que me pairava quando estava sentado em uma igreja. Eu não tinha pisado em uma em mais de cinco anos, mas isso não impediu o passado de correr sobre mim, especialmente quando eu olhei para o crucifixo novamente pairando sobre nós.

Como um Fallen Glider, eu tinha visto mais do que meu quinhão de sangue. Tortura e sangue. Inferno, menos de vinte e quatro horas antes, eu tinha corrido para o norte com Jonny, nosso presidente, para pegar um dos meus irmãos que tinha sido espancado. Os corpos dos dois homens que tinham pensado em tirar a vida do Digger tinham sido tratados antes de eu chegar, mas o dano que eles infligiram nele me fez querer estar por perto para matar aqueles dois filhos da puta.

Meus irmãos Gliders podem não ser de sangue, mas me tratam melhor do que os homens da minha família.

A terceira dama de honra passou com um perfume feminino, sua pele era lisa da ponta do seu cabelo escuro até o topo de seu vestido marrom sem alças, atraindo meu olhar. Meu pau ficou duro sem pensar, e

quando ela se virou na frente da igreja para enfrentar as testemunhas, eu quase gemi.

Mila Kunis tem uma porra de uma gêmea. Porra.

Levei alguns segundos para encontrar meus pés enquanto a marcha nupcial tocava, atraindo todos os olhares. Eu olhei para a dama de honra ao invés de olhar para a futura mulher do meu irmão enquanto ela caminhava pelo corredor.

Olhos felinos com sobrancelhas arqueadas. Um queixo quadrado, lábios carnudos e franzidos - sem sorrir. Eu segurei um gemido satisfeito. Pelo menos uma mulher na maldita igreja não ficou iludida com pensamentos de felizes para sempre, arco-íris e cercas brancas.

Seu olhar voou para o meu e passou, mas voltou para o meu rosto em menos de um batimento cardíaco. Um sorriso lento e preguiçoso ergueu meus lábios quando o rosa destacou suas proeminentes maçãs do rosto.

Ela era linda pra caralho. Sexy pra caralho também, no vestido que abraçava o tipo de curvas que um homem poderia se perder. O cheiro do seu perfume permaneceu no meu nariz, engrossando meu pau até o ponto de dor.

Papai pigarreou, e eu tirei minha atenção da mulher que planejei foder antes do fim da noite. Olhos escuros se estreitaram e lábios em uma linha fina, papai olhou para mim. Eu queria jogá-lo fora, mas me virei levemente para assistir a marcha de Sarah em direção a sua morte.

Inocência fresca, grandes olhos castanhos cheios de esperança e expectativa como toda noiva, ela agarrou suas flores e ofereceu ao meu irmão imbecil um sorriso deslumbrante. Sarah sempre foi boa demais para ele. Muito doce. Muito gentil, assim como a mamãe.

A pobre menina deveria saber melhor depois de tantos anos com meu irmão, mas eu não deveria estar incomodado com o coração partido iminente e com as lágrimas que molharia mil tecidos nos próximos anos. Eu fiz uma oração rápida para a Mãe Maria para que eles não tivessem filhos para testemunhar sua mágoa.

Pessoa narcisistas nunca mudam. Idiotas egoístas que sempre tiveram que se destacar em todas as conversas. Os sabe-tudo, pessoas arrogantes que só pensavam em si mesmos, devastando as pessoas mais próximas a eles.

Nós nos sentamos e voltei minha atenção para a dama de honra. Alta, costas... peitos suficientes para encher as palmas das minhas mãos, e uma bunda que prometia engolir cada centímetro do meu pau.

Foda-se.

Eu mexi de novo, e o padre começou a falar sobre casamento, votos e a merda que trazia estrelas nos olhos da maioria das mulheres.

Lábios ainda sem sorrir, ela estava esperando, segurando o buquê da noiva em um aperto nos dedos brancos, oferecendo a Sara o anel que ela manteve em seu polegar da sua mão esquerda... Nenhum anel em seu próprio dedo, eu notei. Não que alguém me impedisse de colocar minhas mãos sob o vestido dela.

Não havia linhas de calcinha por baixo do vestido apertado abraçando seus quadris e bunda. Ela era do tipo que espalhava perfume pelo corpo todo, cobrindo suas curvas com o aroma que persistia no meu nariz.

Minha boca salivou. Ela teria um gosto doce? Picante? Minhas bolas doíam, e eu lutei contra a necessidade de ajustar o comprimento duro pressionado contra a minha coxa direita nessa calça preta que eu realmente comprei para um maldito casamento.

Eu planejava dar meus parabéns na fila da recepção e ficar longe da minha família tóxica depois fumar um baseado e dormir um pouco, mas a tentação daquelas curvas, aqueles olhos esverdeados felinos que olhou para mim duas vezes durante a cerimônia... sim. Eu poderia ficar mais algumas horas se isso significasse que eu iria enterrar meu pau dentro dela.

Porque, eu tenho que ter ela. No inferno ou no céu, eu teria meu rosto enterrado em sua buceta, suas coxas segurando firme minha cabeça, e os dedos puxando meu cabelo enquanto ela gozava, esfregando minha língua com seu gozo.

Porra, essa maldita cerimônia durou mais do que qualquer missa dominical, e até eu ficar na frente dela na fila de recepção, dar ao meu irmão e a Sarah a saudação necessária, eu estava pronto para roubá-la e trazer um sorriso aos lábios dela.

— Você é irmão de David. — disse ela antes que eu pudesse pronunciar uma palavra.

Eu mostrei o sorriso que geralmente fazia as mulheres desmaiarem e pegarem a minha mão. — Capone.

Sua sobrancelha arqueou ao apelido, e ela deslizou a palma da mão contra a minha. — Helina.

Macia e quente, sua mão encaixava melhor na minha do que minhas luvas de inverno. Formigamentos espalhou no meu braço, enrijecendo meu pau novamente até o ponto da dor. Seus lábios se separaram quando sua bochecha ficou mais uma vez rosa.

Eu definitivamente estaria provando-a em breve. Com uma piscadela, eu soltei a mão dela e parabenizei rápido do resto da fila antes de sair para o ar frio para subir na minha Harley e ligá-la, atraindo alguns olhares dos convidados para fora da igreja.

Eu tirei os piercing do meu rosto para vir aqui, mas não havia como esconder as tatuagens no meu pescoço, especialmente o “67” que eu tinha tatuado para provar ao meu pai que eu não era nem um pouco suave. Externamente, eu me tornei o que eu me esforcei para ser.

Com um estrondo, minha moto me levou longe antes da recepção começar. Embora eu quisesse bater a cabeça no travesseiro por ter ficado acordado por mais de trinta e seis horas, eu tinha uma mulher para foder.

***

— Quem é ela? — Eu perguntei no segundo em que meu irmão finalmente encontrou o caminho para mim. A música do DJ começou, eu tinha meu bom amigo Jack Daniels na minha mão... e as pessoas balançando suas bundas com uma música pop idiota manteve meus olhos ocupados.

— Olá para você também. — meu irmão disse, encostando no bar ao meu lado. — Não poderia nem mesmo comprar um belo terno para o meu casamento.

Notei a carranca em sua voz, mas não dei a atenção que ele queria. — Pelo menos eu não coloquei meus couros. — eu disse, levantando a minha bebida aos meus lábios.

— E tirou esse maldito metal do seu rosto.

— Foda-se você.

— Eu não faço parte da família.

Eu bebi um gole, o olhar grudado na beleza de cabelos escuros que deixou meu pau duro como uma rocha. — Então, quem é ela?

— É sempre sobre buceta para você. — Meu irmão bufou, seu ciúme por minha facilidade em transar ficou muito aparente, como sempre desde quando ele fisgou Sarah. — E mamãe se pergunta por que eu não pedi para você ficar ao meu lado hoje, enquanto eu prometia ser *fiel* a Sarah.

Eu o ignorei, sabendo muito bem por que ele não tinha, seus amigos significavam mais para ele do que seu próprio sangue. Sempre foi assim, sempre seria. Inferno, ele nem mesmo tinha a decência de me colocar na mesa da família. Não que eu sentasse perto do meu pai de qualquer maneira. Eu não falava com ele há anos e não tinha planos em falar por qualquer que fosse o tempo que me restava.

— Então, — eu disse, — Você vai ser um idiota, ou você vai responder a porra da pergunta?

— Helina Bodnar. A melhor amiga da Sarah e você não é homem o suficiente para ela.

Ela olhou para mim e eu sorri, sem me deter na declaração do meu irmão.

— Ela precisa de alguém com uma mão firme. — continuou o idiota, sua voz alta que geralmente me fazia zombar. — Um homem alfa para colocá-la em seu lugar, colocá-la ao seu pé. Ela acha que é boa demais para alguém agora que abriu seu próprio escritório de advocacia.

— Advogada? — Eu perguntei.

— Maldita mulher fazendo o trabalho de um homem...

Porra, ele é como o papai? Pobre Sarah. Olhei de relance para sua nova esposa, que andava ao lado da Helina, a mulher que eu planejava

afundar minhas bolas antes que o relógio marcasse meia-noite. Pela falta de alegria em seu rosto durante a cerimônia, eu espero que ela esteja cansada também. Ela se movia como se soubesse como foder... e não procurando um cavaleiro de armadura brilhante para ensiná-la.

Meu tipo de mulher.

Helina olhou por cima do ombro para mim, olhos felinos emitindo aquele brilho de, venha e pegue, enquanto seus lábios se levantavam em um pequeno sorriso. Ela segurava uma taça de champanhe em sua mão, a quarta que eu tinha visto, enquanto balançava aquela bunda.

Peguei o resto da minha bebida, virei para enfiar o copo vazio no bar e apertei o ombro do meu irmão. — Parabéns e boa sorte na tentativa de fazer Sarah feliz. — Não esperando por uma resposta, eu caminhei em direção a minha conquista, meu pau liderando o caminho.

HELINA

Deus, aqueles olhos... Azul e intenso, eles enviaram arrepios através do meu corpo que eu não tinha experimentado há muito tempo. Cada segundo da maldita cerimônia, seu olhar enviava arrepios na minha espinha se estabelecendo entre as minhas coxas. Cada segundo da recepção longa, enquanto eu bebia, em vez de comer filé mignon. Torradas. Cortando o bolo. Quando o buquê de Sarah caiu aos meus pés porque eu pisei para fora do seu caminho, eu senti seu olhar e minha buceta respondeu.

Fazia muito tempo desde que eu tinha ligado para os meus instintos mais básicos. Muito tempo desde que eu permiti um homem na minha cama. Muito tempo desde que alguém além de mim e do meu fiel vibrador me deu um orgasmo.

Eu queria Jeremiah Caldwell, ou Capone como ele chamava a si mesmo, de onde diabos aquele apelido tinha vindo. Cunhado de Sarah. Garoto bonito, com cabelo preto desgrenhado, maxilar forte, ombros largos e tatuagens espreitando para fora da camisa abotoada, calça preta... calça que nada fazia para esconder a protuberância dura ao longo da sua coxa direita enquanto se inclinava contra o bar. Eu o queria, então gostaria que ele, assim como todos os outros objetivos que eu já havia feito para mim, o homem seria conquistado.

Sua garganta balançou quando ele bebeu sua bebida, e minha respiração ficou presa quando sua atenção mais uma vez se fixou em meu rosto. Nossos olhares se trancaram. A energia sexual ondulou entre nós enquanto a música brilhava e as luzes da pista de dança piscavam.

Com água na boca, eu mexi meus quadris novamente e esperei por seu andar firme para trazê-lo para mim. Ainda encarando, ele continuou com aquele sorriso assassino enquanto empurrava seu caminho através da multidão dançando, os lábios imóveis com as desculpas que ele deveria ter oferecido àqueles contra os quais ele brigava. A distância entre nós diminuiu e o calor correu sobre minha pele, acomodando-se na minha buceta.

Quando eu tinha interessado por um cara? Colegial? Provavelmente foram as bebidas que tínhamos bebido na limusine... e o champanhe que eu não conseguia obter o suficiente.

Eu não tinha sido capaz de comemorar a abertura do meu escritório no centro da cidade no início daquela semana por causa dos detalhes do casamento da Sarah, então decidi brindar silenciosamente algumas vezes entre os parabéns da família dela. Foi direto para a minha cabeça, mas eu não dei a mínima. Anos de faculdade, empréstimos fora do rabo, mas eu tinha feito o que eu tinha a intenção de fazer, algo que meu padrasto me disse que eu nunca faria. Eu merecia uma noite de deboche bêbada, e *Capone* seria a cereja no topo.

Eu consegui mexer minha bunda antes da sua palma se estabelecer no meu quadril. Firme e confiante, seu toque queimava através do material fino do meu vestido, e eu me amaldiçoei por estar sem calcinha. Um sutil, mas de dar água na boca, aroma de homem e colônia obscureceu o ar, enfraquecendo meus joelhos enquanto a umidade manchava minhas coxas.

O resto do seu corpo pressionou contra minhas costas, e eu contive um gemido quando sua respiração acariciou minha orelha. Nenhuma palavra de quão quente ele pensava que eu era, nenhuma palavra brega saiu dos seus lábios. Nenhuma besteira conquistadora, apenas pura eletricidade acendendo entre dois corpos.

Porra, ele poderia se *mover*.

Eu fechei meus olhos e cedi ao zumbido formigando através do meu sangue e fazendo minha cabeça girar. Um calor que crescia dentro de mim e permitia que ele liderasse, algo que eu raramente fazia. Sua outra mão deslizou ao redor da minha roupa para descansar no meu estômago, e eu me inclinei contra seu peito duro quando ele me puxou para perto.

Bom Deus. Eu gemi, indiferente se alguém ouvisse, não que alguém se importasse. Capone me segurou com força, sua lenta e erótica moagem contra minha parte inferior das costas, acelerando meu pulso, e fazendo minha buceta pulsar. Se estivéssemos em um clube em vez do casamento da minha melhor amiga, eu o teria arrastado para casa sem olhar para trás e fodido com ele até que não conseguisse me mexer.

Forcei meus olhos a abrir e encontrei Sarah franzindo a testa para mim. Bem no meu modo bêbado, eu sorri e levantei meu copo. Ela revirou os olhos e se virou, não que eu desse a mínima se ela aprovava ou não.

Capone, ou Jeremiah como ela o chamava, era a ovelha negra da sua família, indo tão longe a ponto de se juntar a uma gangue de motociclistas, negou a sua família por um bando de ladrões e estupradores. Um durão, alguém que pegaria o que queria e desapareceria sem deixar vestígios. O tipo de homem que uma mulher deve proteger seu coração, o tipo de cara que acalma a dor entre as minhas pernas e depois vai embora.

Tão bom, mas não o tipo que eu deveria estar mexendo, mesmo que fosse só para foder. A última coisa que eu queria era acabar debaixo de um motociclista alfa, pelo amor de Deus. Muito familiarizada com old ladys e seus homens, eu deveria ter me esquivado quando percebi que “67” estava tatuado em seu pescoço quando ele pegou minha mão na fila de recepção.

Mas ele estava tão bem.

Perfeição, assim como os músculos, o calor e o cheiro inebriante de puro macho em volta de mim. Nós poderíamos ter o que queríamos sem emoções envolvidas, sem expectativas, como eu preferia. E se ele *quisesse* mais, eu simplesmente ia dizer para ele dar uma porra de caminhada.

Montá-lo, então se livrar dele. Deus.

Eu inclinei minha cabeça contra o peito dele e engoli o resto do meu champanhe. As bolhas frescas correram pela minha garganta enquanto sua respiração escorria pelo meu pescoço e voltava para aquecer minha orelha. Sua mão na minha barriga baixou até que seu mindinho descansou perto o suficiente do meu osso púbico eu gemi novamente.

Sarah franziu o cenho.

Eu sorri e pressionei com mais força contra o pau do Capone empurrando na parte inferior das minhas costas.

Seu gemido baixo no meu ouvido fez minha buceta pulsar novamente. Eu nunca estive tão excitada em toda a minha vida.

Foda-se isso.

Eu queria ele, então eu teria ele, fim da história.

— Quer sair daqui? — Eu perguntei alto contra a música, minha cabeça virou o suficiente, meus lábios roçaram seu queixo enquanto eu fazia a pergunta.

Sem uma palavra, ele agarrou minha mão e me levou para longe da multidão, nossos dedos entrelaçados, todo o meu corpo vibrando. Saímos pelas portas duplas para o lobby do hotel... alguns passos para a nossa esquerda e através de um outro conjunto de portas.

Menino travesso…

Eu não tive muito tempo para pensar sobre o fato de que ele me levou para dentro de um armário, porque ele me encostou contra os poucos casacos pendurados até minhas costas baterem na parede. Meu riso bêbado foi interrompido quando os lábios dele pegaram os meus.

Uma onda de eletricidade percorreu minha pele enquanto raios explodiam atrás das minhas pálpebras. Falei sobre fogos de artifício... Eu culpei o champanhe pelo jeito que meu corpo ficou mole contra o dele. Meu gemido soou alto no silêncio de lã e escuridão que nos cercava. Sua sutil colônia invadiu meus sentidos enquanto seus lábios e sua língua me levaram a um mundo de pura luxúria. Necessidade pura.

Ele emaranhou as mãos no meu cabelo, inclinou minha cabeça e devorou cada centímetro da minha boca. Ele me beijou como se ele me possuísse, como se ele pudesse colocar o mundo aos meus pés.

A umidade além do que eu já tinha experimentado jorrava, e eu choraminguei quando ele deslizou um joelho entre os meus joelhos e levantou, colocando meu vestido alto o suficiente para que sua coxa esfregasse contra a minha buceta.

Eu agarrei seus ombros. Suas costas. Sua bunda. Não consegui impedir que minhas mãos mapeassem cada centímetro do seu corpo, e quando ele arrancou sua boca da minha e caiu de joelhos, meus dedos encontraram seus cabelos.

Nossas respirações pesadas encheram o silêncio abafado. Meu suspiro quebrou quando ele colocou as mãos em volta dos meus joelhos e os deslizou até a minha cintura, levando meu vestido até o até o fim.

Ele cutucou meu osso púbico e cheirou minha buceta, sua respiração alta na quietude. — Divina. — ele sussurrou e lambeu minhas dobras encharcadas.

Minha cabeça bateu contra a parede atrás de mim, a escuridão por trás das minhas pálpebras girando. — *Foda-se*...

— Mmm. — ele concordou, sua língua encontrando meu clitóris latejante.

Eu esfreguei minha buceta contra seu rosto, tão malditamente pronta para queimar com o toque de um homem pela primeira vez em anos, eu mordi meu lábio, sabendo que eu iria gritar.

Capone tinha uma língua para combinar com o resto da sua perfeição. Ele provou cada centímetro de mim, lambendo e mordiscando o suficiente para me fazer ofegar. Suficiente pressão para me levar para a borda mais e mais. Me deixando pendurada no penhasco que eu estava... tão pronta para cair de cabeça na espera da euforia que eu merecia.

Ele parou. Recuou, o idiota.

— Porra? Me dê o que eu quero. — Eu puxei seu cabelo, tentando puxá-lo de volta para mim, mas ele balançou em seus calcanhares.

— *Eu* quero que você se espalhe em uma cama, nua e implorando por libertação.

Eu me esfreguei contra ele como uma gata no cio, imaginando o que ele disse na minha cabeça, mas não querendo esperar. — Me dê, agora.

— Não, querida. — Ele cortou meu rosnado respondendo com sua boca, mais uma vez me derretendo contra a parede.

Eu envolvi uma perna em torno da sua cintura, moendo contra sua dureza, perseguindo o orgasmo que eu queria.

— Me diga que você precisa de uma carona para casa. — ele sussurrou contra os meus lábios, o meu sabor agarrando a sua respiração,

suas mãos deslizando sobre os meus seios, sob meu vestido, puxando meus mamilos que ansiavam por seu beijo.

— Eu preciso de uma carona para casa. — eu concordei sem pensar, minha necessidade bêbada de foder já possuindo cada centímetro do meu cérebro.

Talvez muito álcool, percebi que ele segurou minha mão mais uma vez e me levou para o corredor. Meus pés não queriam cooperar. Nem meu foco quando saímos para a noite fria de primavera.

Eu não dava a mínima para a bolsa que deixei na sala privada da festa de casamento. Não pensei duas vezes no fato que eu tinha deixado sem deixar ninguém saber.

Capone subiu em sua Harley e eu deslizei atrás dele, meu vestido subindo.

— Para onde? — Ele perguntou quando eu pressionei suas costas.

Murmurei o endereço da minha casa de aluguel em seu ouvido, adicionando um movimento da minha língua ao longo do seu lóbulo.

Ele gemeu. — Aguente.

O motor rugiu para a vida, e segundos depois, o vento arrancava na noite os grampos que Capone ainda não tinha desalojado do meu cabelo. Minha cabeça girando e cabelos escuros voando atrás de nós, eu lutei para me agarrar à sua cintura. O calor da sua pele, me manteve um pouco focada, ligada pra caralho.

A curta viagem pela cidade parecia uma eternidade. Meu tropeço até os degraus da minha *casa* de aluguel trouxe risos aos meus lábios, o tipo que não tinha escapado de mim por anos. Eu me atrapalhei para pegar a chave de cima do batente da porta quando Capone espalmou minha bunda e resmungou sobre que tipo de esconderijo ruim.

Nós caímos na minha entrada, mas antes que ele pudesse dizer uma palavra, meu estômago se revirou.

— Oh Deus... — Eu empurrei suas mãos de cima de mim e corri de volta para o corredor, meus ombros batendo como um pinball nas paredes enquanto eu tentava me concentrar na porta do banheiro.

De alguma forma, eu acabei de joelhos, rastejando sobre o azulejo frio.

Eu consegui segurar o ar até que eu inclinei a cabeça sobre o vaso sanitário.

— Merda. — A maldição murmurada de Capone acompanhou suas mãos segurando meu cabelo.

Ele me segurou enquanto eu vomitava minhas entranhas no trono de porcelana.

Pensamentos sobre o fato de eu ser uma imbecil por beber tanto ecoavam com cada suspiro que eu dava no banheiro. Um homem sexy pronto para explodir minha mente, e eu acabo vomitando na frente dele.

Meus olhos lacrimejaram a cada impulso, e embora eu esperasse que minha maquiagem estivesse borrada em minhas bochechas, eu não conseguia encontrar forças em mim mesma. Eu cuspi algumas vezes, e engolindo contra a ardente bile na minha garganta, eu sentei de volta, os olhos fechados.

— Droga tudo para o inferno. — eu respondi, as mãos ainda apertando o assento do vaso sanitário.

— Você está bem? — Capone murmurou, uma mão segurando meu cabelo, a outra alisando meu braço.

— Ugh. — Eu me esforcei para ficar de pé com as pernas trêmulas, e ele segurou meu braço enquanto eu tentava me mover em direção à pia. — Tenho que escovar os dentes. — eu consegui falar, precisando me livrar do gosto de vômito.

Piscando repetidamente ele colocou a escova de dentes na minha mão. Não olhei a imagem difusa do rosto naufragado no espelho oscilante acima da pia.

— Eu tenho você, querida. — Os braços do Capone me envolveram por trás e eu suspirei de volta para ele, permitindo que minhas pálpebras descansassem.

***

Minha cabeça fodidamente bateu. Eu gemi e rolei, enterrando meu rosto no meu travesseiro contra a luz brilhante que entrava pelas cortinas fechadas.

Eu as fechei antes de ir dormir?

Já é segunda feira? Eu forcei um olho aberto e pisquei para ver os números vermelhos no meu relógio.

Oito.

Espera.

Eu rolei mais rápido do que deveria, observando minha completa falta de roupa e a cama vazia ao meu lado. Sentei e isso fez minha cabeça gritar e eu fiz uma careta.

Meu vestido de dama de honra estava ao pé da cama, dobrado ordenadamente.

Cortina fechada...

Eu deslizei para fora da cama e caminhei em direção ao banheiro com minhas pernas fracas. Nenhuma bagunça perto ou ao redor do banheiro. Escova de dentes colocada de volta em seu suporte. Sem embalagem de preservativo na lata de lixo.

Nenhum sinal de Capone em qualquer lugar, ou evidência dele entre minhas pernas. Nada pingando da minha buceta, sem dor ou picada de invasão bem-vinda.

Minha carranca se aprofundou.

Nua como um gaio, eu fui para a cozinha, as mãos nos quadris. Porta trancada. Chave na ilha, e fodido café pronto na minha caneca favorita ao lado dela... *Como diabos ele sabia?*

— Porra. — Eu caí em um banquinho. Um olhar ao redor da cozinha e não encontrei a bolsa que eu normalmente não iria a lugar algum sem. Eu tinha deixado no hotel?

Sim, porra. Isso significava meu celular também.

Sem telefone, mas eu não ia deixar Capone fora do gancho. Não conseguir atingir um dos meus objetivos não se encaixa bem. Nunca, nunca ficaria assim. Eu conseguia o que eu queria, quando eu queria, ao contrário da minha mãe fraca que desistiu de seus sonhos por qualquer coisa que meu padrasto quisesse.

Não esta mulher, eu disse a mim mesma, levantando mais uma vez e indo para o banheiro. Jeremiah Capone Caldwell me devia um orgasmo, e eu ia reivindicá-lo. Duplo.

CAPONE

Eu não tinha dormido o que vale uma merda. Pensamentos de Helina enviaram tiros de porra em meu punho enquanto eu me masturbava na minha cama uma hora depois de colocá-la na dela, mas meu pau ainda doía para ser enterrado dentro dela. Eu a despi, olhei para seu corpo lindo enquanto dobrava o vestido de dama de honra com as mãos trêmulas e cobria sua forma mole sem tirar proveito da sua embriaguez.

Meus dedos coçaram para percorrer sua pele, minha boca salivando para provar cada centímetro dela, mas membro de gangue ou não, eu não era um estuprador.

Eu fiz uma careta quando amaldiçoei minha decência pelo menos pela décima vez desde que me puxei para fora da cama no alvoroço do amanhecer e subi na minha moto.

Jonny convocou uma reunião e eu fui para o clube com apenas uma xícara de café no meu estômago vazio. O ar frio tocava meu rosto enquanto minha Harley tremulava em baixo de mim, mas a sensação absoluta de liberdade que minha moto trouxe nem sequer mudou minha carranca.

Eu tinha perdido porque eu não podia tirar vantagem de uma mulher. *Você é um maldito membro de uma gangue de motociclistas,* eu resmunguei para mim mesmo na minha cabeça enquanto estacionava minha moto na frente do clube. Um fodão que deveria ter o que quiser, foda-se as consequências.

Buceta... A voz de papai soou na minha cabeça junto com a *putinha do* meu irmão, *mulherzinha.*

Ainda carrancudo, eu empurrei a porta da frente. Pela primeira vez, a música dos anos oitenta não passava pelos alto-falantes. Em vez disso, ouvi vozes dos meus irmãos reunidos na área do bar. Alguns gritaram saudações, mas eu não ofereci meu sorriso habitual de volta.

Hawk, nosso sargento de armas, me indicou um lugar no final do bar, onde se sentou ao lado do Jonny. Os dois pareciam guarda-costas, Digger, que, notei enquanto andava ao redor da sala, deveria ter ficado na cama onde o traseiro dele pertencia.

— Como ele está? — Eu perguntei enquanto deslizava para o banco ao lado de Hawk.

Meu irmão levou o palito de dentes de um lado para o outro com a língua, olhos castanhos e duros como sempre, a menos que Janie se pendurasse ao lado. — Melhor do que toda esta situação que está prestes a ficar fodida.

— Isso é ruim? — Eu sussurrei enquanto Jonny se levantava.

Com os lábios franzidos, Hawk assentiu e voltou sua atenção para Jonny.

Olhos escuros avaliando o grupo diante dele, nosso presidente se endireitou, inclinando o queixo um pouquinho. — Tivemos um incidente na tarde de sexta-feira.

Um maldito alfinete poderia ter caído, o som ecoando pelo clube.

— Digger e sua mulher foram atacados por dois homens enquanto viajavam para o norte, — continuou Jonny. — Digger levou uma bala de lado, mas ele ficará bem. Não posso dizer o mesmo para os dois idiotas que pensaram em matá-lo.

Algumas maldições murmuradas soaram, e Jonny esperou o silêncio se acalmar antes de continuar. — Nicky atendeu a ligação do Digger...

Mais de um dos Gliders gritou sua aprovação, sorrisos brotando sobre o fato do nosso ex-sargento de armas que nos deixou na primavera antes ainda respondeu a um irmão em necessidade.

A boca de Jonny se contraiu como se ele também quisesse sorrir.

Todos nós sentimos falta do velho homem, o último Glider original dos velhos tempos, mas ele nos deixou quando sua única irmã mentiu sobre as drogas que nosso clube distribuía em Nova Hampshire. Não podia culpar o homem. Eu teria feito o mesmo.

— Nicky e Digger não deixaram nenhuma ponta solta. — continuou Jonny quando os homens se acalmaram novamente.

Como se qualquer um fosse. Com os dois, nada havia voltado para morder os Gliders na bunda ao longo dos anos. Eu só tinha ido para o norte depois de descobrir que a mulher do Digger estava envolvida, a mulher que eu tinha antes, compartilhei ela com Digger, então de bom grado dei um passo atrás para permitir que meu irmão colocasse sua reivindicação assim que eu percebi que ela pertencia a ele.

Perfeitos um para o outro, apenas me culpei que Digger não seria mais meu parceiro no crime. Nós compartilhamos dezenas de mulheres, incluindo um punhado de prostitutas que sempre tinham um buraco disposto a um irmão ou dois ao mesmo tempo.

Bola e corrente, eu disse a mim mesmo, tentando afastar a saudade no meu intestino por algo semelhante ao que tanto Hawk quanto Digger haviam encontrado.

— Então agora o que? — Um dos meus irmãos gritou assim que Jonny terminou de falar sobre a morte dos dois homens.

Jonny examinou o quarto. — Os dois mortos foram os mesmos que estavam vigiando o clube, e Digger na semana passada.

— Eles eram do FBI? — Alguém do fundo da sala perguntou.

— Claro que não. — disse Hawk ao redor do palito de dentes.

— Nós vamos contar isso, — disse Jonny. — Contar o que aconteceu. Vocês são os únicos homens que vão saber o que aconteceu, e se eu ouvir sussurros sobre isso de qualquer pessoa fora desta sala, incluindo o clube que tem negócios nas nossas calças…

O riso encheu o lugar.

— Eu vou descobrir quem falou, e vou enterrá-lo tão profundamente que nem o próprio diabo conseguirá encontrar seu corpo desmembrado.

O silêncio se estabeleceu, eu mexi no meu banquinho. Jonny sempre seguiu com suas ameaças. Inferno, eu tinha visto a língua de um homem sendo cortada pela lâmina do Nicky no primeiro ano em que eu me juntei aos Gliders porque o cara não calou a boca como Jonny tinha dito a ele.

Alguém bateu na porta trancada do clube, e todos congelaram, o silêncio mais uma vez pairando.

Jonny acenou para um dos Gliders nas costas. — Veja quem é.

Ele se levantou e olhou através do olho mágico. — Alguma cadela de cabelos escuros. Parece chateada com o mundo.

Ela bateu na porta novamente. — Abra a porta! — Seu grito abafado acompanhado por um último punho na porta de metal.

Jonny acenou com a cabeça quando meu irmão se virou do olho mágico, a sobrancelha levantada.

A porta rangeu e os homens se mexeram para dar uma olhada na mulher que se atreveu a aparecer sem ser convidada no clube privado dos Fallen Gliders.

Com os olhos verdes em chamas, Helina entrou na porta, com as mãos nos quadris, e meu pau saltou para a atenção.

— Porra. — Eu não tinha percebido que amaldiçoei em voz alta.

— Conhece ela? — Jonny perguntou enquanto examinava a sala.

— Sim.

Seu olhar pousou em mim e sua testa franziu. — Jeremiah Caldwell, traga sua bunda aqui! — Ela pisou com o pé em botas.

O riso soou e, diante do aquecimento, fiquei de pé e abri caminho através do clube. Alguns aplausos e desejos de boa sorte seguiram atrás de mim.

— Coloque essa cadela em seu lugar. — um dos meus irmãos gritou, ganhando algumas risadas.

— Eu vou colocá-la em linha reta. — eu disse, sorrindo arrogante, mas por dentro querendo se mexer como uma maldita minhoca no anzol. Até as minhas malditas palmas suavam.

Agarrei Helina pelo braço e a arrastei de volta para o ar da manhã com uma confiança zombeteira que até meu pai teria se orgulhado.

— Você não me maltrata porra!

A porta se fechou atrás de nós, e eu soltei meu braço, recuei e enfiei as mãos nos bolsos para não pressioná-la contra a parede e devorar seus lábios carnudos.

Ela puxou e me deu um tapa no rosto. Forte. — Nunca *mais* me toque assim de novo. — Ela fervilhava como um gato nervoso, fogo brilhando em seus olhos, cabelos uma bagunça selvagem de tranças escuras penduradas sobre o ombro.

Sexy. Como. A. Porra.

Eu disse que eu tinha que ser difícil no caso de alguém estiver observando pelo olho mágico ou ouvindo através da porta — *Você* não aparece aqui sem ser convidada e fazendo exigências como se você possuísse o lugar e a mim.

Helina levantou a mão para me bater de novo, e eu agarrei seu braço, cerrei os dentes, franzindo o cenho enquanto encontrava seu olhar. — Não *me* bata de novo. — Tensão sexual entre nós. Porra, eu a quero...

— Eu não te fodi enquanto você estava dormindo, se é com isso que você está preocupada. — eu disse, mantendo minha voz baixa e liberando meu domínio sobre ela.

— Eu sei. — Ela cerrou as mãos ao lado e ergueu o queixo.

— Então, qual é o maldito problema?

— Você... você... foda-se. — Ela soltou um suspiro pesado, chamando minha atenção para o decote e os mamilos grudados que seu sutiã e camiseta não escondiam.

Eu encontrei seu olhar, a sobrancelha levantada. — Eu o quê?

— Não me deu o que eu queria.

O canto do meu lábio se curvou com seu petulante beicinho. — Que era?

Seu olhar se estreitou novamente. — Não brinque comigo, Jeremiah.

— Capone.

Um carro passou zunindo na estrada, mas eu não desviei o olhar do lindo rosto dela. — Você tem bolas, mulher, aparecendo no clube assim porque eu te deixei pendurada na noite passada.

— Eu sempre consigo o que eu quero.

— Pirralha mimada.

— Você *não* tem ideia. — ela rangeu entre os dentes, mãos cerradas em seus lados.

Eu pisei em seu espaço pessoal, encostando-a contra a parede de tijolos do clube. — Frustrada, Helina? — Sua respiração ficou presa quando eu pressionei meu pau duro em sua barriga macia e enrolei meus dedos em seus cabelos, mas não dei tempo para ela responder. Eu tomei seus lábios em um beijo contundente, língua chicoteando e dentes beliscando.

Helina puxou meu cabelo. Arranhou meus ombros e tentei me afastar, mas ela me beijou de volta, tomando mais do que eu esperava. Ela mordeu meu lábio inferior, inclinando a cabeça para trás para puxar a carne.

— Porra. — eu rosnei contra sua boca e deslizei uma perna entre suas coxas vestidas de jeans. Ela se esfregou contra mim como uma gata no cio, gemidos saindo da sua garganta enquanto eu me inclinei para lamber cada parte da sua boca deliciosa.

Meu pau vazou dentro da minha calça, criando uma bagunça pegajosa, e as mãos de Helina enfiando sob a minha camisa apertada e mapeando meu abdômen não ajudaram. O calor da sua buceta pressionada contra a minha coxa penetrou através da roupa que nos separa, tirando outro rosnado do meu peito.

Eu me forcei a recuar. Ou isso ou foder ela bem ali em plena luz do dia para o prazer do mundo. Deus sabe que eu pararia para conferir o show. Assistir me excitava.

Ela me deu um tapa. Novamente.

— Porra? — Uma voz feminina engasgou, chicoteando minha cabeça para a direita. Shelly, uma das putas do clube que eu tive dúzias de vezes, caminhou em nossa direção, mãos nos quadris, a bolsa pendurada em um dos pulsos. — Porra você vai aceitar isso? — Ela perguntou, seus lábios vermelho-rubi enquanto seu olhar deslizava para baixo e de volta para o corpo de Helina. Ela parou a poucos metros de nós. — Você precisa dizer a cadela para ir embora. — Shelly disse para mim, incapaz de manter sua maldita boca fechada.

— Cala a boca, Shelly.

Ela olhou para mim. — Você vai deixar que a buceta te bata assim?

Eu cerrei minhas mãos para evitar de bater na prostituta.

— Qualquer outro irmão daria a essa cadela um bom tapa em troca! — ela continuou, os olhos brilhando como uma faca.

Argumentar sua suposição errada não faria nada além de irritá-la. — Que tal você voltar a foder? — Eu olhei para ela, me perguntando como diabos eu a achei bonita o suficiente para enfiar meu pau. — Eu posso *lidar com* essa mulher sozinho.

Shelly bufou. — Lidar com isso, minha bunda. — Ela se virou e eu juro por Deus que eu a ouvi murmurar algo sobre eu ser uma buceta enquanto passava pela porta da frente do clube.

Com o maxilar cerrado, voltei para Helina, surpreso por ela não se envolver na minha pequena discussão com Shelly.

Olhos estreitados, ela mais uma vez cuspiu fogo com seu olhar nas costas de Shelly. — Quantas vezes você teve *aquela* puta? — ela perguntou, fixando seu olhar em mim.

— Nenhum dos seus negócios de merda.

— Me deixe adivinhar… você é o menino bonito do clube que ama buceta não importa a idade ou a forma. O cara que pega quem ele puder, sempre que puder. Aposto que seu pau provou metade da cidade...

— Você me pegou. — eu disse, segurando meus braços, mas não saindo do seu espaço pessoal.

Rosa tingiu suas bochechas, seus olhos verdes brilhando com uma ira como a de Kahn. — Você é como todos os outros idiotas alfas na esperança de ter uma chance de derrubar uma mulher independente e mostrar a ela quem manda.

— Você *não* tem ideia, querida. — eu respondi suas próprias palavras com a mesma ênfase. Perto o suficiente para violentar... nós respiramos fundo. Mais pré-gozo vazou do meu pau duro enquanto eu tentava como o inferno lutar contra a minha necessidade de foder a pequena irritada.

Ela empurrou meu peito. — Me deixe em paz!

— Com prazer! — Eu recuei, apesar das suas pupilas dilatadas e mamilos duros se dissiparem com suas palavras. Eu tive dor de cabeça suficiente com os problemas do meu irmão...

Helina foi embora, seu traseiro chamando minha atenção.

Eu tenho certeza que eu não precisava de problemas com mulheres. Mesmo se a dita mulher ficasse sob a minha pele como um caralho com a intenção de me chupar.

Gemendo com o pensamento da sua boca no meu pau, eu empurrei a porta do clube, adicionando a arrogância ao meu andar que me fez parecer o bruto que eu sempre quis ser. A mulher do caralho me amava, quer eu quisesse, quer não, mas eu não sabia o que meus irmãos sabiam, se o alto-falante Shelly já não contou a eles.

HELINA

Homem do caralho. Idiota.

Eu bati a porta do meu carro e saí do estacionamento do clube Fallen Glider, tão frustrada que não conseguia enxergar direito. O maldito homem deixou minha cabeça fodida, e não de um jeito bom. Minha buceta doía. O clitóris latejava. E tudo que eu tinha era um maldito vibrador que simplesmente não iria adiantar.

— Idiota. — eu murmurei em voz alta, parando em frente ao prédio de tijolos antigos que eu tinha assinado um contrato no início da semana. Minha empresa. Minha vida fodida.

Ele não sabia nada sobre mim. Como ele ousa me chamar de pirralha mimada como se meu pai tivesse me dado tudo? Eu trabalhei duro por tudo que eu possuía. Nenhuma ajuda, zero ajuda de ninguém.

Eu sou autossuficiente, eu não *preciso de* ninguém.

A raiva que me mordeu diminuiu um pouco quando usei a chave para abrir a porta da frente. Caixas estavam em desordem junto com as cadeiras ainda embrulhadas que eu comprei para a área da recepção em que eu estava. Mãos nos quadris, eu olhei ao redor do pequeno espaço. Minha velha escrivaninha ficava perto da parede, ao lado da porta que levava ao meu escritório. Outra sala ficava do outro lado, levando a uma sala que eu usaria para conferências. Um banheiro, e depois as escadas que levam ao segundo andar, um espaço aberto como um estúdio.

Eu planejei deixar meu aluguel atual, mas uma maldita coisa de cada vez. Precisava contratar uma secretária. Necessário para meus serviços como um advogada. Precisava mandar uma bela carta para meus antigos

clientes da firma da cidade vizinha onde eu havia trabalhado nos últimos cinco anos, deixando-os saber que eu havia me mudado. Apertar a velha empresa, eles me usaram como uma escrava e não mereciam minha lealdade de qualquer forma.

Respirando fundo, eu joguei minhas chaves de lado e peguei uma caixa no topo da pilha, antes de ir para o meu escritório. Um pouco de organização e trabalho duro tiraria minha mente de tudo que eu tinha que fazer... junto com Capone e aqueles olhos azuis cristalinos. Aqueles lábios... aquela língua.

— Foco, Helina.

Eu resmunguei comigo mesma por mais alguns minutos, incapaz de tirar o maldito da minha cabeça. O ódio pelo tipo de homem que ele deve ser e por sua bunda sexy guerreou na minha cabeça. Calcinha molhada e clitóris ainda latejando, me tranquei no minúsculo banheiro e cuidei das minhas necessidades. Que eu não fiquei satisfeita depois.

Longe disso.

***

Na manhã de quinta-feira, eu arrumei o escritório, enviei as cartas, entrevistei algumas mulheres e dei ao meu senhorio um aviso de trinta dias para que eu saísse da minha casa alugada. Sentei tomando meu café, ainda com meu robe, as notícias da TV da sala se filtrando pela parede da cozinha. À menção dos Fallen Gliders, eu pulei para cima e corri para a sala ao lado.

Um carro ficava do lado da Rota 95, cercado por veículos da polícia, luzes piscando. A apreensão de drogas… um carro carregado de

narcóticos… suspeitava-se de uma gangue local de motociclistas… Acontece que alguém havia entregado os Gliders, dando anonimamente à polícia as informações necessárias para rastrear o carro que seguia para o norte.

— Droga. — Balançando a cabeça, lembrei do tipo de homem que Capone era. Aquele “67” em seu pescoço o deixou fora dos limites de muitas maneiras. Mesmo que a lembrança dele me mantivesse acordada e girando todas as noites desde domingo, eu precisava fazer minha cabeça e meu corpo se moverem em uma direção diferente.

Eu mudei o canal da TV e peguei meu telefone. Na semana anterior, eu tinha ido a um evento de namoro em um centro local e conheci alguém decente o suficiente para uma noite. Ele não iria dormir comigo. Nem sequer me tocaria por baixo da minha roupa. *Respeito*, ele disse antes de me convidar para sair pela segunda vez.

Eu não estava interessada em um relacionamento em que um homem assumisse que ele tinha o direito de me dizer o que fazer, eu só queria foder e seguir em frente, cuidar das minhas necessidades e permanecer independente.

Hora de ir caçar e, eu esperava, encontrar alguém para me distrair dos olhos azuis e um sorriso fácil me assombrando a cada hora do dia.

***

Uma saia rodada para fácil acesso, sem calcinha, blusa apertada com um sutiã embutido, cabelo em ondas nas minhas costas e maquiagem esfumaçada... sim, eu estava tão pronta para transar. O novo restaurante do centro da cidade tinha arrumado o segundo andar para eventos locais,

e aulas de culinária todas as sextas-feiras à noite, que davam mais de um encontro para solteiros.

Um ar de primavera estranhamente quente lambeu minha pele enquanto eu trancava meu antigo Audi e fazia meu caminho através da área de estacionamento. Antigos prédios de tijolos ladeavam a estrada principal, eu andei na direção ao restaurante que ficava apenas algumas portas para baixo da minha empresa. Eles serviram almoço e jantar sete dias por semana, e eu já tinha provado a maior parte do seu cardápio.

Sabendo que precisava de um orçamento mais estrito, decidi que precisava aprender a cozinhar para mim. Por que não combinar trabalho e prazer? Melhor maneira de fazer o tempo passar desde que eu não poderia me importar menos sobre torrefação versus vapor.

Diane, dona do restaurante, me encontrou na entrada da escada. — Bem-vinda de volta, Helina! — *Como diabos ela se lembra do meu nome depois de um único evento...*

Boa mente em negócios, bem aqui. Entreguei meu cartão, informando sobre minha nova firma e entrei no espaço aberto. O pequeno bar ao lado esquerdo, os outros clientes se misturando, com bebidas na mão.

Eu fiz meu caminho em direção ao grupo, sorrindo e soltando gentilezas quando necessário. Com o copo vermelho na mão, eu me virei, vendo os cinco homens presentes. O dobro de mulheres agrupadas como cacarejantes lutando por uma mordida para cair sobre os pobres. Nenhum dos olhares dos homens me atraiu e, com um suspiro, me dirigi à mesa mais próxima da porta, para o caso de eu decidir sair cedo.

— Vamos começar! — Diane falou do outro lado da sala alguns segundos depois, e eu me acomodei no banquinho em frente a uma mesa de aço inoxidável preparada para a refeição da noite que estaríamos preparando. O banco ao meu lado permaneceu vazio enquanto os outros

tomavam seus lugares, os que tiveram a sorte de pegar um parceiro masculino para a noite, sorrindo como se tivessem encontrado o verme mais gordo da fazenda.

Meu telefone tocou e eu peguei minha bolsa debaixo da mesa.

A porta se abriu enquanto eu lia um lembrete de texto da minha consulta ao dentista no dia seguinte. Um cheiro de macho familiar passou por mim, me formigando entre as coxas enquanto colocava minha bolsa por baixo da mesa mais uma vez.

Pernas com jeans apareceram ao meu lado, e eu olhei para cima.

Jeremiah Caldwell.

Oh, foda-se tudo para o inferno e de volta.

CAPONE

Helina... porra. Meu pau se contorceu quando eu escorreguei no banquinho ao lado dela, sorrindo como um idiota com a minha a sorte.

Os lábios dela se separaram, ela me encarou por uns bons três segundos antes de apertar sua mandíbula, estreitando os olhos. — Me perseguindo?— Ela sussurrou enquanto Diane conversava na frente da sala.

— Eu poderia dizer o mesmo pra você. — eu atirei de volta, mantendo minha voz baixa enquanto meu olhar pousava em seu lábio inferior carnudo. Seu perfume picante, como uma nuvem sutil, mudou ao meu redor, envolvendo-me em um casulo de luxúria. Eu tive meu quinhão de mulheres, mas nunca tinha experimentado a sexualidade como as correntes elétricas que percorriam a curta distância entre nós.

Com o maxilar cerrado, ela se virou, concentrando em nossa professora durante a noite.

Eu era amigo da Diane desde o colegial. Nós tínhamos frequentado a escola de culinária juntos até que eu deixei de pegar muita merda do meu pai e me juntei aos Gliders. Frequentemente ela me pedia para preencher as aulas de culinária para solteiros de sexta-feira à noite e, na ocasião, encontrei alguém para cobrir a cozinha do clube, aproveitei a oportunidade.

Comida e mulheres disponíveis... sim, porra, *por favor*, a razão pela qual eu apareci naquela noite. Rucker, um dos Gliders que ganhou suas cores dois anos antes, cobriu a cozinha do clube, porque eu precisava

foder Helina do meu sistema e sabia que poderia encontrar uma cama fácil na casa da Diane.

Ficou claro que eu não sabia que Helina estaria lá, me impedindo. Foda-se, eu sabia que não seria capaz de olhar para outra mulher com ela na mesma maldita sala.

Não é o tipo de mulher que eu precisava. Eu duvidava que Helina tivesse um osso submisso em seu corpo. Ela governaria em qualquer lugar em que morasse, e eu não pegaria nada além da merda da minha família.

Que porra é essa?

Balançando a cabeça para os pensamentos idiotas da minha cabeça de um futuro com a mulher que eu nem conhecia, muito menos o que minha família pensaria dela, eu tentei me focar em Diane e ela compartilhou informações que nós dois aprendemos no primeiro semestre na escola. Minha atenção com Helina ao meu lado era curta como merda.

Respirando fundo, voltei meus pensamentos para os problemas que estávamos tendo no clube. A polícia havia interceptado o carregamento que Jonny enviou para o norte na quarta-feira. Apenas um punhado de Gliders sabia sobre os dois carros que transportavam a merda que o nosso clube fornecia para os negociantes do norte de Nova Hampshire. O vazio chegou ao seu destino, sem ser detido. O outro levou em 95, um motorista qualquer, não um Glider, porra, não sabia dizer nada e ficou preso por posse.

Até descobrirmos quem nos entregou, Jonny decidiu bloquear todos os negócios externos. As propriedades de renda que seu pai tinha investido com o dinheiro do clube em anos antes, mais do que cuidavam das despesas gerais do clube.

Pessoalmente, eu esperava que os Gliders encontrassem uma maneira de desviar completamente dos seus negócios sem lei.

Papai me chamava de buceta e, enquanto meu irmão de sangue concordava, eu esperava que mais da metade dos meus irmãos Fallen quisessem o mesmo. Nicky tinha perdido sua única irmã para a merda do clube, e ele quase perdeu sua sobrinha também. E havia outros conhecidos pelos meus irmãos que tiveram uma overdose inadvertidamente.

Nós alimentamos a maldita praga...

A culpa comeu no meu estômago, como sempre acontecia sempre que eu pensava demais na principal fonte de renda do clube. Melhor pensar na luxúria pela mulher ao meu lado.

Toda chance que eu tenho, eu escovo meus dedos contra os dela. Aproximei enquanto observava como ela fatiava e picada. Reposicionou a faca na mão para picar alho.

— Aposto que você é uma grande advogada. — murmurei perto do ouvido dela enquanto Diane caminhava de mesa em mesa, verificando as habilidades de todos.

— O que faz você dizer isso? — ela perguntou enquanto os cabelos da sua nuca se eriçavam.

Sorrindo, eu mudei seu pulso mais uma vez, minha outra mão se acomodando em sua parte inferior das costas.

Ela se esquivou.

— David disse que você acabou de abrir sua própria empresa. Em que? Vinte e cinco?

Um bufo suave escapou do nariz dela. — Dificilmente. Eu só sei o que quero e nada me impede de conseguir.

— E como estão os negócios?

— Não tão bom.

— Será.

Helina olhou para mim, a faca pronta. — O que te faz pensar isso?

Eu estudei seu rosto, observando as manchas douradas em seus olhos verdes e tentando não me afogar. — Você é a mulher mais determinada que eu já conheci. Inferno. — Eu ri, olhando para Diane quando ela se aproximou da nossa mesa. — Você apareceu na porra do clube e exigiu falar com um Glider sem um pingo de medo.

— Como vai isso? — Diane perguntou, sorrindo e olhando para o progresso que fizemos.

— Helina é natural. — eu disse, sentando no banco.

— Dificilmente. — Helina disse com outro bufo suave.

— Ela assumiu o comando. — eu disse. — Atacou as tarefas desta noite com capacidade. — Eu não acrescentei que a tenacidade me ligava.

— Bom. — Diane murmurou com outro sorriso. — Bom. — Ela se afastou e Helina olhou para mim.

— O que? — Eu perguntei.

— Sua merda te coloca em cada calcinha que você coloca em sua mente?

— Não é besteira. Você tem coragem. Resolvida. E... — Eu sorri, meu olhar caindo para os lábios dela, — É sexy pra caralho.

Pelo menos, nenhum bufo deixou seus lábios. Ela voltou a sua tarefa, uma ligeira carranca amassando a pele entre as sobrancelhas arqueadas.

Nós trabalhamos bem juntos ao longo da próxima meia hora, mesmo que cada mudança sutil do seu corpo fizesse meu pau vazar com a necessidade de escorregar em sua buceta para foder. O pulsar em seu pescoço, o jeito que ela apertou as coxas quando eu falei perto da sua orelha me fez pensar se ela precisaria de ajuda para se molhar.

Porra eu estava pensando em sexo sem camisinha?

Ela deixou cair um dos tomates cereja, e eu me curvei para recuperá-lo, respirando profundamente quando meu nariz passou a poucos centímetros da sua saia.

Seu perfume brincou com a minha memória, e apertando minha mandíbula para manter meu gemido preso dentro, fiquei de pé, minha boca salivando.

Nossos olhares colidiram enquanto eu segurava o pequeno tomate na minha mão, com a palma para cima.

Helina olhou para mim, e meu estômago caiu para o desejo em seus olhos. Meu batimento cardíaco chegou aos meus ouvidos, diminuindo o barulho das pessoas que cozinhavam ao nosso redor.

— O que eu não daria para provar você de novo. — eu disse, incapaz de me ajudar.

Ela lambeu seus lábios, seu olhar caiu para o meu enquanto ela arrancava o tomate da minha mão, mas ela se virou sem dizer uma palavra.

Foda-se. Eu quero ela.

Eu me aproximei e me inclinei, minha respiração provocando o cabelo ao lado da sua orelha enquanto ela cortava a fruta com uma faca de serra. — Essa saia não pode esconder a doçura da sua buceta molhada. — eu sussurrei. — Me diga que você não quer minha língua em você.

Ela estremeceu.

— Me diga para te deixar sozinha de novo, se é isso que você *realmente* quer, e eu vou embora agora mesmo. — Eu recuei, dando-lhe alguns centímetros extras para considerar minhas palavras.

Lambendo o lábio inferior novamente, ela abaixou a faca. — Porra você... você está me enfurecendo. — Ela murmurou as palavras como se para si mesma, sem nenhum traço de raiva. Agarrando uma toalha, ela olhou para mim.

A guerra em seus olhos fez minha criança interior querer sorrir, mas eu me contive, mantendo meu olhar sério como merda.

— Vamos lá. — Ela pegou a bolsa e foi para a porta.

Saí da mesa sem olhar para trás, seguindo-a como o cão que eu era, querendo enfiar meu nariz na bunda dela e respirá-la.

Descemos as escadas. Para a noite. Andamos na calçada por alguns quarteirões, o clique dos seus saltos na minha frente e o balanço da sua bunda me atraindo.

Ela abriu a porta de um escritório, mas eu não prestei atenção além de ficar sozinho com ela, em algum lugar que eu pudesse dar a ela o que eu havia negado antes que ela desmaiasse em meus braços no fim de semana anterior. Através de uma área de recepção que cheirava a móveis novos, através de uma porta interna do escritório, e Helina jogou sua bolsa de lado. Ela se virou, mas eu me aproximei, girando-a novamente, puxando-a de volta contra o meu peito.

Eu me curvei o suficiente para deslizar minha mão por baixo da sua saia, meu rosto enterrado em seu pescoço.

Nada de calcinha.

Eu gemi em seu ouvido enquanto sua buceta cobria minha mão com umidade quando eu a segurei. — Cristo…

— É melhor você começar. — disse ela, afastando-se.

A penumbra do escritório mal me permitia ver duas grandes janelas de madeira pesadas, fechadas para o tráfego externo, e uma escrivaninha muito grande, meio coberta de papéis e caixas.

Helina pulou na borda e recostou-se.

Eu não precisava de um convite verbal, mas caí de joelhos e levantei a dela, colocando os saltos altos na borda da mesa. Seu perfume me invadiu e eu me inclinei para respirar fundo.

— Tão foda doce.

A primeira lambida lenta da sua bunda até o clitóris a fez xingar. A segunda, ela agarrou meu cabelo, unhas cavando no meu couro cabeludo. — Puta merda. — Ela engasgou quando eu prendi meus dentes em seu clitóris e mordi. — Oh...

Sorrindo, eu deslizei mais baixo novamente, lambendo cada vinco, cada recuo do seu corpo, lambendo a excitação escorregando dos seus lábios inchados da sua buceta. Inchado e tremendo, ela ficou escorregadia o suficiente para que dois dos meus dedos deslizassem com facilidade. Eu enrolei meus dedos e gentilmente esfreguei, encontrando o ponto áspero que a fez levantar da mesa.

— Deus, sim, bem aí. — Ela gemeu e levantou os quadris mais alto.

— Você gosta dos meus dedos em você, querida?

— Porra, sim.

Eu bombeei para dentro e para fora algumas vezes, absorvendo os gemidos saindo dos seus lábios. Ela reclamou quando eu substituí meus dedos pela minha boca, mas pronunciei outra maldição com luxúria quando empurrei minha língua dentro do seu corpo.

— Oh, foda-se. Não pare!

Preguiçosamente, eu serpenteei através das suas dobras novamente até que meus lábios roçaram seu clitóris.

— Foda-me com os dedos. — disse ela, segurando a minha cabeça contra ela.

Apenas muito feliz em obedecer, fiz o que ela disse, pressionando profundamente e esfregando aquele ponto indescritível.

— Deus. — Algumas maldições se derramaram dos seus lábios enquanto eu empurrava e esfregava, meus dentes mordiscando a protuberância inchada, meu nariz enterrado no cabelo aparado em cima. Macio e doce, sua buceta era melhor do que qualquer doce ou licor.

— Eu vou gozar. — Ela gemeu as palavras, seus quadris balançando para cima com cada impulso dos meus dedos, suas coxas apertando contra os meus ouvidos. Segurando-me ainda como se ela pudesse me impedir de negar novamente.

Porra, foda-se.

Helina engasgou uma vez... duas vezes, e suas costas se arquearam na mesa. Com um grito choramingando, ela gozou, sua buceta agarrando meus dedos em ondas pulsantes, gozo encharcando meus dedos. — Não. Pare. — Ela engoliu entre as palavras, uma entrada de ar meio ofuscada, meio gemida enquanto eu puxava seu clitóris com meus dentes. Um movimento da minha língua sobre a carne endurecida enviou outro espasmo através do seu corpo. — *Foda-se*!

Gozo jorrou da sua boceta, deslizando pelos meus dedos e pingando no chão.

Eu deslizei minha língua em cima do seu clitóris mais algumas vezes, persuadindo o último gemido dos seus lábios. Seu corpo soltou meus dedos com um som molhado de sucção, e eu lambi os dedos, inalando até meus pulmões doerem. Um beijo no interior de cada coxa, e eu me levantei, meu pau esticado pressionado entre suas coxas relaxadas.

Helina suspirou e eu amaldiçoei a escuridão do escritório. Eu queria ver o rosto dela, os olhos dela. Ver a sua satisfação, a felicidade de uma mulher saciada.

Eu coloquei minhas mãos em seus joelhos e deslizei-as ao longo do interior das suas coxas, pressionando entre sua pele e meu jeans para esfregar seus pés ao longo do meu comprimento duro. — Você tem um gosto ainda melhor do que eu me lembrava.

— E isso foi melhor do que eu esperava.

Sorrindo, eu me afastei, mas ela agarrou meu pulso antes que eu pudesse me afastar.

— Você ainda não terminou.

Minha sobrancelha subiu em seu tom, mas porra, sua buceta tem que apertar o meu pau já endurecido. — Isso é um fato?

— Mmm. — Ela sentou e me segurou através da minha calça jeans, seu aperto trazendo mais pré-gozo para a cabeça latejante do meu pau. — Não há nenhuma maneira no inferno que você não escondeu alguns preservativos em seus jeans em algum lugar.

— Eu posso ter um ou dois.

Helina me soltou e sentou, apoiada nos cotovelos. — Pegue um. Eu quero seu pau em mim.

Segurei de volta para meu cérebro “sim, senhora” e ofereci um sorriso arrogante, embora ela não fosse capaz de me ver claramente. — Pergunte de novo. — eu disse em vez disso, lutando contra o desconforto da pele de macho alfa que eu estava tentando viver por mais de cinco anos.

Eu não podia ver seu olhar, mas com certeza podia sentir isso chamuscando meu rosto. — Tire esse pau duro e me foda.

Porra… As palavras em seus lábios. O comando em sua voz. Mordi o lábio para manter aquele “sim, senhora” dentro e tirei um pacote de papel alumínio do bolso de trás. Meus dedos tremiam enquanto tirava minha calça jeans e me atrapalhava para colocar a maldita camisinha.

Obrigado foda pelo escuro.

Quando foi a última vez que eu agi como um adolescente inocente, tão animado para finalmente foder que eu tive problemas colocando uma camisinha?

Uma bagunça, dura e latejante com a necessidade de entrar em uma mulher tão completamente, eu veria estrelas...

Ela pegou minha camisa e me puxou para perto. — Agora, Capone.

Eu não tinha palavras para a tortura da sua buceta encharcada e apertada me puxando para dentro. Querendo saborear cada segundo, eu empurrei dentro dela, centímetro por centímetro até o fundo, minhas bolas desenhadas descansando contra sua bunda enquanto suas coxas enrolavam em volta do meu corpo e me apertavam.

Lento e firme, eu disse a mim mesmo, me lembrei, enquanto puxava de volta para a ponta. Continue até que ela esteja se contorcendo nessa mesa grande. Implorando.

— Foda-me como você quis dizer isso. — ela exigiu, suas unhas cavando em meus antebraços quando eu entrei em seu corpo. Usando seus calcanhares, ela me puxou para perto, me enterrando profundo novamente. — Duro. Rápido.

Enrolei minhas mãos no cabelo espalhado sobre a mesa para segurá-la no lugar, cedi ao seu comando e larguei minha contenção. Ela queria que eu perdesse minha mente e entrasse nela como um animal, ela poderia ter isso. Suas costas arquearam enquanto eu batia nela repetidas vezes, meus punhos apertados em seus cabelos, quadris machucados contra o interior de suas coxas.

— Sim... porra, sim! — Ela amaldiçoou, gemeu e gemeu, cada não em seus lábios como uma porra de droga. Eu não conseguia o suficiente. Minhas bolas apertaram. Suor escorrendo na minha testa.

— Venha para mim, “Lina”. — eu consegui passar pela luxúria com o meu corpo inteiro em chamas.

— Mais forte. — Ela ofegou a palavra.

Fodê-la com mais força significava que ela *teria* hematomas, mas eu tinha o objetivo de agradar. Um grunhido baixo escapou do meu peito, meus quadris empurrando, empurrando meu pau em seu corpo repetidamente, empurrando a mesa debaixo dela.

— O-oh...

Aquela pequena entrada de ar... a segunda... e ela veio, arqueando e gritando.

— Porra! — Um profundo gemido esvaziou meus pulmões quando eu enterrei profundamente e explodi. — Foda-se... — Mais alguns golpes me esvaziaram no preservativo, e eu puxei ar, tentando acalmar meu coração acelerado enquanto ela relaxava em baixo de mim.

A porra com Helina era como correr maldito 5km. Eu precisava me ajoelhar e recuperar o fôlego, afastar o tremor dos meus membros.

Eu fiquei enterrado dentro dela em vez disso, soltei seu cabelo e descansei minha testa na dela. *Totalmente saciado,* pensei, de uma maneira que nunca tinha ficado antes. Uma imagem da minha casca voou pela minha mente, como se eu estivesse à beira de reconhecer algum momento cósmico na minha vida.

— Você está bem? — Ela sussurrou alguns segundos depois, quando eu ainda não tinha me movido.

Eu gemi, mas não conseguia me mexer. — Droga você quase me matou, mulher.

— Isso valeria a pena se eu admitisse estar completamente satisfeita?

— Porra, sim. — eu disse com uma risada, levantando minha cabeça e embalando a dela em minhas mãos. Tão perto, eu podia distinguir seus olhos na escuridão. Um milhão de palavras passou pelo meu cérebro, misturando com os pensamentos de um adolescente de olhos sonhadores ao invés do macho alfa que eu queria ser.

— Você é tão linda pra caralho. Feroz. E tão malditamente sexy, e do jeito que você fala para mim. — Eu mordi minha língua. Deixar entrar as emoções que corriam pela minha cabeça fodida provavelmente não era a melhor ideia. Cedo demais. Demais.

Ela pressionou seus lábios contra os meus, suavemente, completamente o oposto de como havíamos fodido na mesa. Mais uma vez me permitindo ser conduzido, respondi às suas iniciações de uma lenta e sensual dança de línguas e lábios. Sua buceta tinha um gosto delicioso, mas sua boca? Divina.

Helina Bodnar me destruiu, e sendo o que eu era, eu ignorei os sinos de alarme soando na minha cabeça. A súbita percepção de que meu pau não estava tão restrito quanto deveria estar me trouxe de volta a realidade com clareza vívida, e eu recuei mais rápido que eu consegui.

HELINA

Capone recuou abruptamente do beijo mais exuberante e alucinante que eu já tinha experimentado. Eu pisquei na escuridão, tentando reunir meus pensamentos quando ele saiu e deu um passo para trás.

Porra jorrou do meu corpo.

— Porra! — Sua maldição baixa atingiu meus ouvidos como um trem ao mesmo tempo em que me sentei, com a mente focalizada como um laser.

— A porra do preservativo estourou! — Eu sussurrei asperamente, saindo da mesa. Porra escorregou pelas minhas pernas enquanto eu atravessava a sala para acender as luzes.

— Porra! — Capone tinha um antebraço jogado sobre os olhos, o pau na outra mão.

Eu pisquei, amaldiçoando a lentidão dos meus olhos para ajustar a luz.

Com certeza, a ponta do preservativo tinha rasgado.

Foda-se, foda-se, foda-se... A palavra continuou a soar na minha cabeça enquanto eu olhava para o seu pau na palma da mão dele, com restos de porra por toda a cabeça descoberta. Eu estava tomando pílula, mas minha mãe também estava tomando quando ela tinha engravidado também.

— Porra, vai tudo para o inferno ! — Eu caminhei pelo meu escritório até o banheiro e bati a porta atrás de mim. — Merda. — eu murmurei

enquanto pegava minha saia ao redor da minha cintura para sentar no vaso sanitário.

Quando foi a última vez que ele gozou? Eu me perguntei, tentando não me concentrar muito na quantidade de porra escorrendo do meu corpo. Um motociclista gostoso... as mulheres tinham que estar em filas para provar o seu pau. *Foda-se…Com os olhos cerrados, eu limpei e soltei um suspiro enorme* entre meus lábios enquanto segurava a pia.

Eu iria passar por isso, assim como tudo na vida. Um pontinho, nada mais.

— Ei. — Capone gentilmente bateu na porta.

— Saia logo. — retruquei, com todos os vestígios de euforia do meu corpo e mente. *Maldição.* Um último suspiro profundo e abri a porta para encontrar Capone na minha cara. A preocupação franziu sua testa, seu olhar de olhos azuis voou sobre o meu rosto, procurando quem diabos sabia o quê.

— Não se preocupe. — eu disse, levantando meu queixo. — Vou tomar uma pílula do dia seguinte, e podemos esquecer que esse pequeno acidente aconteceu.

— A porra que você vai. — Sua carranca se aprofundou quando seus ombros saltaram. — Se você está grávida, essa criança é metade minha, e eu tenho o direito de ajudá-la a decidir o que fazer. Se você acha que eu vou ficar de lado e deixar você...

— Isso é exatamente o que você vai fazer. — eu atirei de volta, minha voz alta cortando-o. — Você pode ou não ter colocado algo dentro de mim, mas, independentemente disso, você não tem nada a dizer sobre o que eu faço. Não é sua escolha. É meu corpo... *meu*.

— Mas eu ajudei a fazer isso. Eu tenho direito...

— Só porque você colocou seu pau em mim e doou algum esperma não desejado, não lhe dá o direito de *merda* nenhuma, Jeremiah Caldwell. Você não me possui, nem meu corpo, minha dor ou meu tempo porque nós transamos e a maldita camisinha estourou!

Ele olhou para mim quando minhas narinas se abriram. De alguma forma, minhas mãos terminaram em meus quadris, e puta merda, eu olhei de volta para ele.

Não demorou muito para ele recuar, e obrigada porra, porque eu tenho certeza que ia ser uma merda. O sulco em sua testa diminuiu até que seus ombros caíram. — Se é isso que você quer. — ele murmurou, a dor em seus olhos quase me fazendo sentir mal.

— Isso é o que vai *ser*.

Ele hesitou outro punhado de batimentos cardíacos, a quietude do meu escritório quebrada por uma buzina abafada de um carro dirigindo do lado de fora.

— Eu acho que você deveria ir. — eu disse, minha voz inexpressiva.

— Posso me limpar primeiro?

Eu olhei para baixo para descobrir que ele ainda segurava seu pau com o preservativo rasgado na mão. Saindo da porta do banheiro, eu acenei para ele entrar.

O clique da trava atrás de mim tocou no silêncio enquanto eu pegava minha bolsa do chão. Enviei uma rápida mensagem para meu médico que por acaso era um amigo próximo, e descansei com facilidade. Ela passaria uma receita sem perguntas, e como eu disse, eu poderia esquecer tudo sobre o pequeno acidente. Tirar ele daqui, e lavar as mãos de toda a maldita bagunça.

Capone saiu do banheiro e enfiou as mãos nos bolsos.

— Eu vou ficar e fazer algum trabalho. — eu disse sem encontrar seu olhar enquanto arrumava minha mesa.

Ele hesitou por alguns segundos antes de entrar na área da recepção sem dizer uma palavra, e no segundo em que ouvi a porta da frente fechar, saí correndo do meu escritório para me trancar.

Caindo na cadeira mais próxima, enterrei minha cabeça em minhas mãos e mordi meu lábio para segurar as lágrimas de autopiedade. Dando para o cara que eu sabia que não deveria...

— Estúpida. Maldita estúpida. — eu murmurei com raiva. Eu sabia melhor. Inferno, eu disse a mim mesma que ele não era do tipo que eu precisava me envolver.

Mas a língua dele. Aqueles lábios. Porra, aquele menino sabia como usar os dois. Calor voltou à vida entre minhas coxas novamente, e eu amaldiçoei o fato de que ele respondeu a todos os meus pedidos, ele achou o fato de eu ser mandona sexy.

Um bom lembrete do que ele sentia que tinha o *direito* esfriou minha excitação mais rápido do que um banho de água gelada.

Porra babaca alfa.

CAPONE

Jonny, porra, riu quando eu disse a ele o que tinha acontecido.

— Cale a boca. — eu resmunguei, me curvando na cadeira em frente a sua mesa no escritório do clube. — E se ela está grávida do meu filho agora?

— Ela disse que não é problema seu.

Eu olhei para o homem que tinha substituído meu irmão mais velho, embora Jonny tivesse uma dúzia a mais de anos do idiota que possuía o título real. — *É* o meu problema. — Sentei e apoiei meus cotovelos nos meus joelhos. — Eu ajudei a fazer a porra da criança, então eu tenho direitos!

— Seu corpo, sua escolha. Essa é a lei.

— Porra. — Eu deslizei de volta para o assento tão rapidamente quanto eu me sentei. — Você está falando sério agora?

Jonny encolheu os ombros. — Tanto quanto eu sei, sim. Mas quem sabe com o que é todo o país. Todos com direitos, todos reclamando do que é certo ou errado. — Ele deu de ombros novamente. — Você sempre pode arrumar um advogado.

— *Helina é* uma porra de advogada.

Um sorriso brincou com seus lábios. — Então eu diria que você está fodido.

— Foda-se. — Eu inclinei a cabeça para trás e olhei para o teto. — Eu quero fazer a coisa certa. Apoiar como um homem deveria depois de engravidar uma mulher.

— Apoie a escolha dela se essa for a única opção que você tem.

Fechei os olhos, a lembrança do fogo nos olhos dela quando ela me encarou me dando uma facada no estômago. — Ela é dura como unhas. Forte como o aço. A maldita mulher não precisa da ajuda de ninguém. — As palavras soaram verdadeiras como eu disse. Mimada? Eu altamente duvidei disso. Eu provavelmente a julguei mal, o mesmo que ela fez comigo.

Jonny levantou-se e deu a volta na mesa para apertar meu ombro. — Vamos tomar uma bebida ou duas.

Respirando fundo, eu o segui até o bar, feliz por ver que Rucker estava cuidando do almoço. Nós sentamos, a música dos anos oitenta muito alta, e bebemos como ele havia sugerido.

Certo. Errado. Moral... toda a merda rodou na minha cabeça, ao redor e ao redor novamente.

— O que você vai fazer sobre o problema do clube? — Eu perguntei, desesperado para tirar minha cabeça da Helina.

A mão levantada de Jonny com a dose de whisky se deteve a meio caminho de sua boca. — Não sei. — Ele inclinou a cabeça para trás e eu segui o exemplo, a queimadura uma distração bem-vinda.

— Alguma notícia no Digger? — Eu perguntei, girando meu copo vazio entre meus dedos.

— Conversei com Maci hoje cedo. Ele está de pé e em movimento, e ela está tendo um inferno de tempo tentando mantê-lo em casa.

— Muita sorte ele não precisar de cirurgia, mas ele precisa relaxar para uma mudança e curar.

— Você o conhece.

Eu balancei a cabeça, nos servindo outra rodada. Nós bebemos ao mesmo tempo.

A prima de Jonny é a mãe adotiva dos Gliders empurrou a porta. Cabelos cinzas enrolados em cima da sua cabeça, ela nos deu um sorriso.

— Como você está, querida? — Eu gritei de um lado para o outro com um sorriso.

Querida Jane "sem mentira no nome" a mulher limpava depois de nós, fazia dezenas de biscoitos toda semana, e dava um tapinha nas bochechas onde e quando permitido. — Você está se comportando, Capone? — ela perguntou quando se aproximou.

— Nunca, querida.

Segurei meu sorriso enquanto ela apertava a bochecha do Jonny.

— Ei, prima. — disse Jonny, ainda sem sorrir. — Como você está se sentindo esta noite?

Ela teve uma convulsão epilética alguns dias antes, deixando-nos para cuidar de nós mesmos. — Melhor.

Ela e Jonny conversaram, e eu considerei o que eu mantinha na minha moto. A maconha ainda não era legal em Nova Hampshire, mas…

— Já pensou em se registrar para a maconha medicinal, querida? — Eu perguntei alguns segundos depois, quando ela se virou para ir embora.

— Meu médico estava falando sobre isso quando fiz meu check-up.

— Quando a lei para legalizar passa em algumas semanas.

— Ha! — Jonny bufou. — Até parece.

— Eu vou pegar algumas dezenas de plantas *legais*, — eu disse com um sorriso. — Pensando em abrir uma loja de varejo e vender comestíveis.

— Comestíveis?

Eu me servi outra dose. — Brownies. Doces. Óleos infundidos. As possibilidades são infinitas. — Eu senti o olhar de Jonny, mas mantive o meu nela enquanto ela piscava algumas vezes. — Claro, você poderá cultivar a sua própria para se manter.

— Eu nunca fui de drogas. — Ela lançou um olhar duro para Jonny. — Mas o médico realmente acha que ajudaria.

Jonny a ignorou, seu olhar no copo dele.

— Experimente um pouco. — eu disse. — Eu ficarei feliz em ajudá-la se você decidir que quer tentar.

Jane acariciou minhas bochechas. — Você é um bom menino.

— Qualquer coisa para a minha querida. — Eu ofereci meu sorriso que derretia calcinha "mesmo que eu não quisesse derreter a *dela"* e com uma risada suave, ela se dirigiu para as escadas e para os quartos do terceiro andar, onde os Gliders levavam as mulheres para um pouco de diversão.

Sem uma palavra, Jonny e eu nos inclinamos para trás ao mesmo tempo, bebendo nossas doses.

— Você está falando sério sobre aumentar mais o pote e abrir uma loja de varejo? — Ele perguntou enquanto limpava o polegar em seu lábio inferior.

Eu balancei a cabeça, olhando para a porta quando ela se abriu.

Shelly

Voltei para o meu copo vazio, a mera visão dela revirava meu estômago. — Eu não quero ser escravo na cozinha do clube pelo resto dos meus dias, e vendo como eu sempre quis ser um chef onde eu realmente farei algum dinheiro... — Eu levantei um ombro e deixei cair. — Legalizar a maconha abrirá muitas portas. Eu pretendo solicitar uma licença de varejo na hora que eles estiverem disponíveis.

— Eu acho que ser um Glider levantaria uma bandeira vermelha.

— Eu tenho um registro limpo. Imaginei que você poderia saber de uma ou duas cordas que poderiam ser puxadas.

Ele olhou para mim com seus olhos escuros, provavelmente avaliando e investigando a minha alma, mas eu não sabia dizer o que diabos ele pensava. O rosto do homem era ilegível como sempre.

— Parece que vocês meninos poderiam querer alguma companhia. — Shelly se aproximou de mim, apertando seus peitos contra o meu ombro, seu cabelo loiro esbelto fazendo cócegas no meu bíceps. — Precisa de ajuda para esquecer o que quer que esteja em sua mente?

— Não. — Eu me afastei do seu perfume, enchi meu copo e gesticulei para o copo de Jonny com a garrafa.

Ele assentiu, seu estudo atento no meu rosto quebrado. Eu derramei em seu copo quando Shelly se moveu em seu espaço pessoal e passou as pontas dos dedos sobre a camiseta apertada cobrindo seu peito. — E você, Jonny? Precisa de ajuda para aliviar alguma tensão?

— Eu não quis sua boca ontem. — ele resmungou. — O que faz você pensar que hoje será diferente?

— Que tal entrarmos em seu escritório e eu montar você até você vir? — Ela perguntou, seus lábios pintados enviando um arrepio sobre mim.

Tão fodidamente nojento.

— O pensamento da sua buceta não está nem fazendo meu pau se contrair. — disse Jonny, sua voz ainda baixa.

— Você não me levou na bunda por um tempo. — continuou Shelly, arrastando o dedo sobre seu peito novamente. — E você sabe o quanto eu amo ter seu pau no meu buraco apertado.

— Que tal você incomodar outra pessoa, Shelly?

Ela se afastou com um bufar e resmungou sobre ser dispensada. Ela era uma prostituta do clube desde antes que eu ganhasse minhas cores, ela sabia que era melhor não irritar um irmão. Sabia que era melhor do que cruzar o presidente também. Ela tem sorte que ele não ouviu, ou simplesmente não pareceu se importar, sobre a sua putaria. Ele a jogaria pra fora mais rápido do que ela poderia piscar, para o inferno que outros irmãos poderiam querer sua buceta prontamente disponível, bunda ou boca experiente.

— Fodida prostituta. — Jonny murmurou.

Eu olhei para ele do canto do meu olho. Ele bebeu sua dose, uma carranca nos lábios. Havia rumores de que ninguém havia trancado com Jonny por um longo tempo.

— Precisamos de um pouco de sangue novo aqui. — eu disse, repetindo o que eu ouvi Hawk e Digger dizerem um punhado de vezes

antes que suas old ladys invadissem suas vidas e as transformassem em bastardos fiéis. *Bola e corrente*, eu me lembrei.

— Entendi direito. — Jonny resmungou.

Eu engoli outro tiro, aliviado por ter um zumbido crescendo em meu cérebro.

— Mais uma vez, — Jonny concordou enquanto eu gesticulava com a garrafa novamente. — Prostitutas, delatores, apreensão de drogas ...

— Vamos descobrir toda essa merda. — eu disse, levantando meu copo em direção a ele.

— Eu fodidamente vou beber para isso. — Ele bateu o copo de novo contra o meu e nós bebemos as bebidas de volta.

***

Digger finalmente apareceu de volta no clube, aplaudindo por ter saído de casa. Maci ficou colada ao seu lado, o hematoma em sua bochecha do idiota morto que a atingiu quase desapareceu, e ela só se afastou dele quando estendi meus braços. Sorrindo, ela me abraçou com força, Digger levantou a sobrancelha do seu jeito, mas não apagou minhas luzes. Shelly olhou o suficiente para os dois, olhando para Maci e não para mim.

Ignorando a prostituta, eu abracei Maci com mais força e sorri para Digger. Eu ainda não tinha encontrado um irmão com quem pudesse compartilhar mulheres. A maioria era muito possessivo, muito inseguro. Digger, no entanto, era intimidador pra caralho e não tinha um osso

inseguro em seu corpo. Ele se elevou sobre a minha altura, tinha ombros da largura de um touro e um pau que arregalava os olhos das mulheres.

Eu soltei meu aperto em Maci e estendi minha mão. — É bom ter você de volta. — eu disse com um sorriso, apertando a mão do Digger, mas tomando o cuidado de não abraçá-lo muito apertado. — Tudo curado?

— Bom o suficiente. — disse ele, seu tom grave sério.

Eu olhei para Maci, que se inclinou contra seu lado bom. — Cuidou bem do meu irmão?

Rosa tingiu suas bochechas enquanto seus lábios se curvavam em um sorriso satisfeito. — Sempre.

— Ele é um bastardo sortudo. — eu disse, ainda sorrindo.

— Eu sou uma puta de sorte.

Nós rimos juntos, e até mesmo Digger soltou um sorriso raro.

Algumas rodadas de comemoração terminaram com Digger, Hawk, Jonny e eu no escritório, a porta se fechou com Maci e Janie todas aconchegadas no bar juntas, Shelly dando a elas o mesmo olhar de fedor, como de costume.

Cadela ciumenta precisava superar sua merda ou dar o fora na minha opinião.

Jonny pediu a história completa, todos os detalhes que Digger conseguia lembrar, nada deixado de fora, tirando minha mente da maldade da prostituta do clube.

O cara loiro que havia confrontado e atirado em Digger, depois tentado estuprar Maci, acabou sendo o filho de um dos homens que

haviam sequestrado a mãe do Digger trinta e sete anos antes. Silent Demons, todos os três, e um deles, sem saber era pai de um Glider.

A porra da bagunça terminou com Digger atacando a cabeça de seu atacante antes de usar uma bala para acabar com a vida do outro filho da puta.

Dois homens mortos, um seu irmão de sangue. De acordo com Digger, nenhum dos dois usava patch que os batizavam de Silent Demons, mas era altamente possível, considerando que o pai do filho da puta era nossos rivais, e os dois definitivamente pareciam o mesmo.

— Janie falou com seu pai desde o ataque? — Jonny perguntou, voltando-se para Hawk.

Ela se agarrou a Hawk enquanto esteve em Sturgis no verão anterior, e Hawk a reivindicou como sua old lady antes de descobrir que seu pai era o presidente dos Demons.

Fale sobre outra situação fodida. Tinha terminado bem o suficiente, porém, sem derramamento de sangue, Janie optando por ficar com Hawk e ameaçando seu pai sobre derramar segredos dos Demons se ele não lhe permitisse a liberdade de escolher.

— Ela ligou para ele duas vezes. — Nosso Sargento de Armas estava sentado, com as palmas apoiadas nos joelhos, palito entre os dentes. — Ela ligou na primeira vez sozinha, por isso ele deixou cair algum tipo de insinuação, e novamente ontem, por minha insistência. Telefone no viva-voz e nada.

— Nenhuma isca que seja?

Hawk balançou a cabeça, os lábios em uma linha apertada em torno do seu palito, os olhos castanhos duros como sempre. O filho da puta tinha sorte de ter Janie iluminando sua vida.

Sorte... que porra é essa palavra hoje a noite?

Resmungando para mim mesmo, voltei minha atenção para Jonny, que começou a tocar os dedos em sua mesa.

— Taylor não ia deixar isso entrar para debaixo de uma porra de tapete se esses bastardos fossem Demons. — disse Digger sobre o presidente do nosso arquirrival, seus lábios torcendo em uma careta quando ele se mexeu na cadeira.

— Acha que devemos encarar essa situação de frente?

— Porra, não. — Digger franziu o cenho. — Se eles eram Demons e ele quer começar a aprender, ele pode vir até aqui onde os policiais olharão para o outro lado. Lá? Quem diabos sabe o que aconteceria com a lei no bolso de trás?

— Policiais malditos não têm olhado para o outro lado ultimamente. — Hawk disse, finalmente sentando em sua cadeira.

— Sangue novo em sua equipe. — disse Jonny com uma inclinação de cabeça, — Com bolsos que se recusam a ser molhados.

— O que há com o delegado Rosedale? — Eu perguntei, inclinando para frente, com os cotovelos nos joelhos.

— Falando em se aposentar. — disse Jonny sobre o policial que ele considerava um amigo próximo, e pagou bem para olhar para o outro lado.

— Merda. — Digger murmurou.

— São os novos policiais que têm nossas bundas, e o vice Jenko lidera os filhos da puta. — O policial que se recusou a ser comprado, o homem que com toda certeza iria ser nomeado pelo prefeito “seu primo” para a posição de Delegado, quando Rosedale decidir que já tinha o

suficiente... Jonny continuou a tocar as pontas dos dedos na mesa. — Fodido problema no horizonte, com certeza.

Algumas maldições e desejos não tão bons foram derramados de todos os meus três irmãos enquanto eu olhava entre eles.

— Nós devemos abrir algumas lojas de varejo de maconha em vez de lidar com ópio. — eu disse, as palavras vomitando da minha boca sem pensar.

Todas as três cabeças viraram para mim. A sobrancelha do Jonny levantou, Hawk franziu a testa, Digger franziu o cenho.

— Ou talvez abrir um clube social ou dois em um dos prédios que você possui. — eu continuei a tagarelar com Jonny para preencher o silêncio tenso enquanto os três continuavam olhando para mim como se eu tivesse perdido a porra da minha bola. — Eles são realmente populares no Maine. Você sabe... nós poderíamos ficar dentro da lei e não ter que se preocupar mais com os malditos policiais e federais.

Eles continuaram a olhar, imóveis e de boca fechada.

Mãos úmidas, dei de ombros e sorri. — Acalme-se, pessoal. Um irmão não pode brincar?

Digger bufou e se virou. Hawk mudou sua atenção sem uma fresta na fachada.

Jonny, no entanto, permaneceu, estudando meu rosto até que eu mexi na minha cadeira. — Eu não vou confrontar Taylor. — ele finalmente disse, mudando de assunto, obrigado *porra*.

Digger assentiu.

— E a apreensão das drogas na quarta-feira? — Hawk questionou.

— O motorista tem seu advogado, e sabe melhor que deve ficar calado, mas fora isso? — Ele mordeu o canto do lábio e balançou a cabeça uma vez. — Temos que encontrar o maldito rato.

— Dê-me a palavra. — disse Digger.

— Varrer o clube atrás de insetos novamente. — disse Hawk, — E nós vamos bisbilhotar o suficiente para encontrar a merda, vamos encontrar o filho da puta que esta derramando segredos.

— Nós vamos ter que lidar com os outros irmãos com cuidado. — Jonny esfregou o maxilar cerrado. — Começamos a interrogar e as coisas vão cair no chão. A irmandade não é o que costumava ser. — Ele olhou para Digger. — Use a força quando precisar.

Digger inclinou a cabeça em concordância, mas a sugestão de um sorriso puxou a cicatriz no canto esquerdo da sua boca. — Força é o meu nome do meio.

Hawk bufou, o mais próximo de uma risada que eu já ouvi passar pelos seus lábios.

O ridículo que eu estava pensando parecia esquecido, e nós deixamos o escritório não muito tempo depois para descer algumas fotos juntos.

HELINA

Acontece que eu não precisava daquela pílula do dia seguinte. Meu amigo médico veio apenas duas horas depois que eu chutei Capone para fora do meu escritório enquanto eu andava em círculos, bem acordada e irritada como o inferno. Eu percebi que isso explicava meu humor, minha necessidade de tratá-lo como merda.

É melhor assim, eu disse a mim mesma, pela décima vez, alguns dias depois enquanto tomava meu café e me apoiava no balcão da cozinha, as notícias locais encheram meus ouvidos com a falta de uma atualização sobre a apreensão do ópio e não ter alguém para culpar, exceto o motorista que eles algemaram.

O cara estava ferrado. Ser pego com esse tipo de estoque, com a intenção óbvia de vender…

Bufando baixinho, desliguei a TV e caminhei de volta pelo corredor até o banheiro. Eu não precisava desse tipo de merda na minha vida. Não queria.

Mas…

Eu não conseguia parar de pensar no beijo que tirou minha vida fora do eixo. A gentileza, a emoção terna, não importava a plenitude suave dos seus lábios, sua respiração doce, eu beijei ele o mais profundamente possível, tentando puxá-lo para dentro de mim.

— Porra. — Sussurrei a maldição com mais raiva do que realmente sentia. Tentando forçar minha mente em meu único cliente, minha única fonte de renda no momento, e como construir minha empresa, entrei no chuveiro.

Se eu quisesse admitir ou não, a - besteira - do Capone enquanto estava na aula de culinária tinha dado um impulso à minha autoconfiança. O homem não me conhecia muito bem, mas sua segurança, sua certeza do que eu iria realizar... Um quase-estranho, e seu encorajamento me deram o impulso que eu precisava.

Duas horas depois, sentei no meu escritório, olhando para a tela do meu computador, ainda irritada, ainda dilacerada - tentando, como o inferno, trabalhar em vez de sonhar acordada. Capone assombrou minha mente, a memória dele como a testemunha mais teimosa que se recusou a ser esquecida.

Precisando tirar meus pensamentos do Sr. Gostoso ofegante e sua língua, peguei meu telefone e disquei para Sarah desde que ela tinha chegado em casa da sua curta lua de mel no dia anterior.

— Helina! — ela respondeu, ofegante, com um sorriso em sua voz.

— Ei. — Eu me vi sorrindo de volta. — Como foi a Escócia?

— Ainda melhor do que eu esperava. Frio, não me pergunte *por que* David quis ir para lá. — Sua risada leve desvaneceu meu sorriso tão rápido, eu fiz uma careta em um piscar de olhos. Seu marido idiota insistiu em seguir para o norte depois do casamento na primavera. Quem diabos queria ir para lá em abril?

— Ainda há neve agarrada ao chão em alguns pontos. E a sinuosa Cabot Trail... simplesmente linda.

— Eu aposto que é ainda melhor no verão, quando você pode manter as janelas abertas.

Sarah suspirou. — Um resort de areia nas Bahamas definitivamente teria sido melhor.

Eu mordi minha língua.

— Nos divertimos, no entanto, — Sarah continuou. — E David queria mesmo ir para lá. Sua lista de desejos, você sabe. — Sua voz sorridente soou forçada ao meu ouvido experiente. Deus sabia, eu tinha ouvido o suficiente das suas desculpas para o seu homem idiota ao longo dos anos.

Eu tentei incontáveis vezes convencê-la a não se casar com seu namorado do ensino médio. Um idiota narcisista que a tratava como merda, como um capacho, uma criada para atender todos os seus caprichos. Exatamente o tipo de homem que doou esperma para minha mãe. Eu não o chamava de "Pai" desde que eu era pequena. Eu nunca mais chamaria.

Meus dentes encontraram o interior do meu lábio ao pensar que eu poderia estar caindo no mesmo ciclo que minha mãe. Além daqueles olhos e corpo quente, eu me sentia atraída pela má reputação do Capone? Sua natureza dominante? Assim como minha mãe "duas vezes" ela se apaixonou por homens que a controlavam, manipulando-a para fazer o que eles queriam, em vez de perseguir seus próprios sonhos.

Eu fechei meus olhos. *Eu não posso me envolver com um homem como ele... Eu preciso ser forte.*

— Ainda aí? — Sarah perguntou, voltando para o presente.

— Sim.

— Então, como está sua empresa? Todos se mudaram?

Soltei a respiração entre meus lábios, caindo de volta na cadeira do meu escritório. — Tem sido uma jornada difícil, mas estou aqui agora. Movendo para o apartamento no andar de cima em algumas semanas.

— Novos clientes?

— Apenas o divórcio da minha prima.

— Droga. — ela sussurrou. — O que posso fazer para ajudar?

A sinceridade em sua voz diminuiu o amassado entre minhas sobrancelhas. — Você é a pessoa mais generosa que conheço, Sarah.

— Estou falando sério.

— OK. — Eu me vi sorrindo. — Eu realmente poderia ter uma secretária barata por algumas semanas, meses.

— Oh. Bem.— Sarah limpou a garganta. — David não quer que eu trabalhe.

Eu me sentei. — O que?

— Estamos tentando ter um bebê e...

— Já?

— Sim, e ele acha que teremos uma chance melhor de conceber se eu estiver em casa cuidando de casa. Menos estresse e tudo isso.

Minha carranca reapareceu. — É isso que *você* quer?

— Não é o que eu prefiro, mas se vamos começar uma família, quero fazer o certo. A mãe de David foi uma mãe que ficou em casa e ele quer o mesmo para mim.

Sim, aposto que ele quer. — E o que faz David feliz te faz feliz. — eu repeti o que ela me disse mil vezes.

— Sim. — ela respirou a palavra como se aliviada que eu entendi seu raciocínio.

Novamente, eu mordi minha língua.

— Então... depois do casamento... você e Jeremiah?

Meus olhos se fecharam enquanto eu mais uma vez afundava na minha cadeira. Eu bati minhas unhas na mesa algumas vezes antes de encontrar palavras. — Na verdade não.

— Eu escutei um "mas" aí dentro...

Eu soltei um suspiro. — Nós fizemos. Encontramos novamente uma semana depois, fizemos sexo e eu o expulsei.

Minha curta mas doce confissão deve tê-la deixado sem palavras.

— Você não vai pregar para mim? — Eu perguntei quando ela não deu sua opinião sobre o assunto.

— Pelo menos você se livrou dele.

— E esse é o problema. — As palavras passaram pelo meu cérebro e escaparam antes que eu lhes desse o devido pensamento.

— O que?

Dei de ombros, embora Sarah não pudesse me ver. — Eu não consigo tirá-lo do meu cérebro.

— Ele não é bom, Helina.

Ah, mas ele é... eu limpei minha garganta. — Eu sei disso, mas meu corpo ainda não percebeu isso.

— Ele é tão bom no sexo? — O sussurro de Sarah puxou meus lábios.

— Eu *não* vou discutir sobre o irmão do David com você.

— Você sabe, — a voz de Sarah caiu ainda mais, — Eu sempre achei que David estava com ciúmes dele. Ele sempre tratou Jeremiah como merda.

Pena que ela não podia ver o tratamento de David com *ela*. — David é bom no sexo?

— Melhor que eu já tive.

— Ele é o *único* que você já teve.

Sarah riu, mas eu não consegui ver o humor. Um homem, sem nada para comparar a... eu não conseguia imaginar. Não era de admirar que ela ficasse com David. Eu deveria tê-la embriagado o suficiente para provar alguns dos outros peixes no mar, ajudando-a a perceber como uma mulher deveria ser tratada.

— Então o que você vai fazer? — Sarah perguntou.

— Você disse isso a si mesma, ele não é bom. Assim como o bastardo que me gerou. Um motociclista, lida com drogas, provavelmente gosta de espancar as pessoas...

O ronco de Sarah me interrompeu.

— O que?

— Jeremiah não machucaria uma mosca.

— Me explica melhor. — Minha voz assumiu um tom litigioso.

— Ele é um sentimental. Sempre foi. David e seus amigos sempre costumavam zombar dele. Chamar de nomes, assim como o pai deles fazia. É por isso que Jeremiah largou sua família, tenho certeza.

Ele segurou meu cabelo para trás enquanto eu vomitava. Respeitou meu corpo quando eu apaguei. Inferno, eu o julguei muito facilmente...

— É provavelmente por isso que ele se juntou a esse gangue de motociclistas. — Sarah continuou enquanto pensamentos nublaram minha mente.

— Para provar que ele era um *homem*. — acrescentei quando a imagem de Jeremiah Caldwell se tornou mais clara em meu cérebro.

— Provavelmente.

— O seu sogro é parecido com o David?

Sarah riu. — Olhar para o pai de David é como ver meu marido daqui a trinta anos.

— E personalidade?

— Oh, eles são cortados do mesmo tecido, tudo bem.

Minha carranca se aprofundou. — E aposto que você é muito parecida com a mãe de David.

— Engraçado você dizer isso. Ela me diz exatamente isso o tempo todo.

Homens narcisistas sempre foram para o mesmo tipo.

Nós conversamos por mais alguns minutos antes de desligar, e eu olhei para a tela preta do meu computador por cinco minutos inteiros.

Eu tinha julgado mal o personagem de Capone, mas isso não mudou o fato de ele *ser* um Fallen Glider. Ele corria com a turma errada, uma conhecida por seus modos sem lei e, portanto, um homem que eu deveria evitar.

O sino do correio na porta da frente balançou, me colocando de pé. Eu já havia recebido o correio daquele dia algumas horas antes, nada além de notas.

Um pequeno envelope com meu nome escrito estava no tapete.

Eu o abri, li a dúzia de linhas e fui rapidamente convencida a ir com o que meu corpo desejava, em vez do que eu precisava.

****

Eu mastigava um pacote inteiro de chiclete enquanto esperava no meu carro, as janelas abertas permitindo que uma brisa de primavera arrepiasse meu cabelo. Fazia sete dias desde que eu tinha chutado Capone para fora do meu escritório, e algumas horas desde que ele tinha colocado um bilhete na minha caixa do correio.

Ele pediu desculpas por sair como um idiota, suas palavras, e me garantiu que apoiava qualquer decisão que eu tivesse.

Percebendo que eu *havia* julgado mal o homem completamente, mastiguei cada uma das minhas unhas depois de acabar de chiclete.

Crise evitada, e eu me senti culpada como o inferno depois de perceber que tipo de homem Jeremiah Caldwell realmente era.

Eu decidi falar com ele novamente, mas não estava prestes a ligar para Sarah e pedir o número do telefone do seu cunhado. O clube, mas eu também não estava prestes a forçar meu caminho para o lugar exigindo falar com ele como eu fiz da primeira vez. Ele tinha uma reputação a defender, afinal. Paciência não era uma das minhas virtudes, mas vendo como ele obviamente queria mudar como ele aparecia, eu podia lidar.

Desta vez.

Estacionada a um quarteirão de distância, fiquei de olho na moto do Capone na porta da frente. Motos e caminhões lotaram o estacionamento. Uma festa o que parece.

A cadela loira e idiota que nos deu um tempo difícil na primeira vez que eu apareci no clube saiu sozinha por volta da uma da madrugada. Uma minivan parou ao lado do meio-fio, e ela olhou ao redor bem rápido

antes de entrar. Eu bocejei enquanto olhava para a luz traseira quebrada enquanto eles se afastavam.

Minha necessidade de sono puxou minhas pálpebras, mas sendo a mula teimosa que eu era, eu mexi algumas vezes, ligando o rádio para me manter acordada.

Não foi até depois das três da manhã que os dois últimos Fallen Gliders deixaram o clube, trancando-o atrás deles.

Uma explosão de adrenalina me fez pensar, apertando minha mão enquanto eu ligava o carro e entrava no estacionamento do clube.

Os dois homens se viraram na minha direção, o que estava ao lado do Capone colocando a mão dentro da jaqueta dele. Ele não conhecia meu carro, e eu me aproximava na calada da noite, eu esperava que ele pensasse que uma arma seria necessária.

No segundo em que a luz da rua atingiu meu rosto, o irmão de Capone baixou a mão.

Virei o volante para colocar o carro de lado bem longe de onde estavam, do lado do motorista para eles me verem e desliguei o motor. — Posso falar com você, Capone? — Eu gritei, mantendo minhas mãos no volante, onde eles podiam vê-las.

Os dois trocaram algumas palavras, e o segundo homem montou em sua moto, trouxe-a à vida e partiu. O som estrondoso desapareceu à distância antes do Capone se aproximar do meu carro.

— Você está bem? — ele perguntou, inclinando para colocar as mãos na parte inferior da moldura da janela, seu rosto e olhos azuis escondidos na sombra.

— Sim. Entre?

Ele caminhou ao redor da frente do carro, a cabeça girando como se estivesse verificando cada canto escuro, mas não do jeito que a cadela loira tinha feito. Abri as portas, e no segundo em que ele deslizou para o banco do passageiro, sua presença sugou todo o ar dos meus pulmões.

Olhos azuis penetraram no meu rosto até que a luz automática do interior se apagou, deixando-nos a brincar de esconde-esconde na iluminação da rua.

— Eu li o seu bilhete.

Ele assentiu, mas não falou.

— Eu aprecio seu pedido de desculpas e sua oferta de apoio.

Mais uma vez, ele não pronunciou uma palavra.

— Eu não estou grávida.

— Você tomou a pílula?

— Eu não precisava.

Capone deu um suspiro e relaxou no banco. — A ideia de acabar com a gravidez não foi boa para mim. Sinto muito por atacar você.

— Um homem me dizendo o que eu posso ou não posso fazer não cai bem *comigo*.

— Eu tenho esse memorando alto e claro. — disse ele, a sugestão de um sorriso em sua voz.

Eu estudei seu rosto na semi-escuridão, tentando descobrir o que diabos fazer.

— Venha para casa comigo e eu vou fazer para você um café da manhã cedo. — disse ele, soando muito como um alfa dominante para o meu gosto.

Levantando minha sobrancelha, inclinei minha cabeça. — Você vai reformular isso?

Ele riu. — Você pode vir para a minha casa para que eu possa fazer o café da manhã?

— Eu *posso*...

Sua vez de erguer a cabeça, seu sorriso crescendo. — *Você iria*? Por favor?

Mesmo que eu estivesse determinada a nos deixar em linha reta, não vou deixar uma corda para a culpa se agarrar, o homem me intrigou ao ponto que eu disse à minha voz interior toda sobre ser forte e independente. — Gostaria disso.

— Siga-me. — disse ele enquanto voltava para sua moto.

Com o coração batendo, eu liguei o carro e saí do estacionamento, percebendo que eu tinha permitido que um homem me desse um comando sem uma réplica.

CAPONE

Helina Bodnar estava sentada na ilha da minha cozinha, com uma xícara de café nas mãos. Eu virei de costas para ela enquanto eu quebrava os ovos na frigideira de ferro que eu tinha fritado bacon enquanto prepara o café. Eu queria fazer uma torrada francesa, mas ela disse que precisava cortar a ingestão de carboidratos.

Tanto faz.

O corpo da mulher me balançava toda vez que eu pensava sobre a curva dos seus quadris e sua bunda redonda, mas eu mantive os pensamentos para mim mesmo.

Três e meia da manhã, e eu estava representando o chef enquanto ostentava uma ereção em vez de devorar cada centímetro do seu corpo. Eu considerei jogar ela contra a parede e pegar o que minhas bolas doendo queriam, mas ela não tinha concordado em vir para sexo.

Café da manhã, a menos que ela jogasse uma ordem para eu agradá-la, o que eu ficaria feliz em obedecer.

A torradeira estalou, e eu me mexi de lado para puxar as duas fatias, fazendo uma careta com a pressão do meu pau contra os meus couros. Por que diabos seu tom mandão me excitava tanto?

— Você é muito mais confortável em uma cozinha do que eu. — disse Helina, quebrando o silêncio tenso que tinha permanecido sobre nós nos últimos vinte minutos.

Internamente, eu bufei com a palavra confortável, eu estava longe disso. — Eu fui para a escola com Diane.

— Então, como você acabou sendo um membro de uma clube ao invés de um chef com seu próprio restaurante como ela?

Meu estômago revirou quando virei e coloquei nossos pratos na ilha. — Longa história.

Ela me estudou com aqueles malditos olhos de gato. — Eu não tenho que estar no escritório por algumas horas. — disse ela, seus lábios se contorcendo.

— Sim, mas você vai querer dormir antes disso.

Helina deu de ombros e pegou o garfo. — A comida parece boa. Cheira ainda melhor — acrescentou depois de inalar o prato.

Sentei com outra careta, ajustei a protuberância entre as minhas pernas e comi, fome, cansaço e luxúria, todos lutando pelo domínio em meu corpo. Se Helina notou meu desconforto ou meu pau duro ao lado da minha coxa direita, ela não disse uma palavra.

— Sarah me contou sobre o seu pai.

Minha cabeça se ergueu e me obriguei a terminar de mastigar o bacon na boca. — E ele? — Eu perguntei uma vez que eu engoli, uma careta amassando minha testa enquanto meu pau perdia todo o interesse do caralho.

— Ele é onde David herdou seu narcisismo idiota, não é? — Ela continuou a olhar nos meus olhos como se tentasse alcançar minha alma e puxar todas as cordas desagradáveis que amarravam as lembranças da minha vida.

— O que você sabe sobre idiotas narcisistas?

— Mamãe finalmente criou coragem para deixar meu pai, mas ela esperou até ele desmaiar bêbado no sofá quando eu tinha cinco anos. Ele

costumava correr com uma gangue de motoqueiros como a sua. Sua segunda escolha não tinha uma irmandade, mas ele não era muito melhor do que o primeiro na minha opinião.

— Merda. — Meu coração afundou quando um milhão de perguntas passou pela minha maldita cabeça. — Quanto você se lembra sobre o seu pai?

— Mais do que eu me importo.

Eu balancei a cabeça lentamente, meu olhar passando sobre a carranca em sua testa, os lábios levemente virados para baixo. — Você tem sorte de ter saído cedo.

— Você não.

— Não. — Meu garfo bateu no prato enquanto eu tentava comer uma pilha de ovos mexidos.

— Eu deveria ter medo por Sarah?

Eu mastiguei, considerando. — David é um idiota, tudo bem, mas eu não acho que ele tenha colocado uma mão nela.

— E se ela finalmente perceber que ele a trata como merda e decidir deixá-lo?

— Então ela vai me ter ao seu lado.

Helina continuou me estudando. — É por isso que você se juntou aos Gliders, não é? Porque ninguém estava ao seu lado.

— Eu sinto que estou em julgamento aqui. — eu disse, colocando um brilho do meu sorriso oculto em meus olhos. Porra, a intensidade dela me excitou, mesmo se estivéssemos discutindo a minha família de merda.

Ela encolheu os ombros e finalmente desviou o olhar enquanto pegava um pedaço de bacon. — É o que eu faço de melhor... Se apenas algumas pessoas nesta maldita cidade percebessem isso.

— Eles vão. — eu disse, com confiança na minha voz. — Pode ter paciência e tempo, mas sua empresa crescerá. Apenas continue sendo você.

— Bem? — Ela perguntou, olhando para o meu caminho novamente com um pequeno sorriso.

— Bem o que?

Ela levantou uma sobrancelha e esperou.

Maldita mulher.

Respirando fundo, empurrei meu prato para longe e sentei ereto, apoiando meus antebraços na mesa. — Eu me juntei aos Gliders para provar ao meu pai que eu não sou um babaca ou uma mulherzinha como ele sempre dizia que eu era. Provar que eu sou um homem másculo, assim como meu irmão e seus amigos idiotas.

Helina riu e mordeu o bacon.

— O que é tão engraçado? — Olhar colado aos seus lábios carnudos, eu observei enquanto ela mastigava, meu pau ficando mais duro de novo a cada segundo.

— Um homem de verdade é aquele que é emocionalmente maduro. — ela disse depois que engoliu, erguendo o garfo no ar e girando em círculo. — Não um babaca que acha que o mundo gira em torno dele.

Eu levantei uma sobrancelha.

Ela deu sua última mordida. — Ele conhece sua mente e coração, e não tem problema em falar o que há em ambos.

— Homem assim não existe.

Ela encolheu os ombros novamente enquanto mastigava. — Estou propensa a concordar.

— Devo me sentir ofendido agora? — Eu perguntei com um sorriso, embora eu tivesse dito primeiro.

Uma risada leve passou por seus lábios e ela colocou o garfo e a faca de cabeça para baixo no prato. — Eu não te conheço bem o suficiente, mas eu vou admitir que te comparei com o resto dos homens que eu conheci na minha vida.

— Por causa do que escolhi fazer. — Não era uma questão, apenas uma declaração do que qualquer pessoa em sua situação teria feito.

— Sim.

— Eu perdoo você.

Uma de suas sobrancelhas se arqueou. — Por?

— Me julgar. — Eu segurei seu olhar, um lento, preguiçoso sorriso inclinando meus lábios enquanto os dela se contorciam.

— Então você não é um idiota?

— Alguns pensam assim. — eu disse, mudando de posição na minha cadeira, — Mas minhas entranhas são pegajosas como marshmallows que derretem na manteiga.

— Adicione um pouco de estalo, e pop, e você seria uma das minhas comidas favoritas. — Seus olhos brilhavam e eu me inclinei em seu espaço pessoal, segurando seu olhar.

— *Você está* cheia de estalo, crepitação... — Eu deixei minha voz sumir, esperando que ela entendesse exatamente o que eu tentei *comunicar*.

Ela tentou morder o sorriso, mas falhou. — O que exatamente você está tentando dizer, Capone?

Ela sabe, mas está bem. Eu vou jogar o jogo dela. Como se eu pudesse me ajudar.

Eu deslizei para a borda da minha cadeira e inclinei todo o caminho, pressionando meus lábios contra os dela.

Um rápido inalar pelo nariz dela, e ela respondeu, angulando a cabeça e abrindo a boca enquanto eu lambia seus lábios.

Café, bacon e pura doçura ...

Eu gemi e deslizei um braço ao redor das costas dela, puxando-a para mais perto. Cada golpe da sua língua, cada beliscão dos meus dentes em seus lábios exuberantes enviou uma dor através do meu pau. Novamente preso entre minha coxa e o couro quando me inclinei para frente, meu maldito pau lutava por liberdade.

Precisando de algum espaço em meus couros, eu me afastei, passando o polegar sobre seu lábio inferior inchado. Olhos um pouco embaçados, ela olhou para minha boca.

— Quer se sentar no sofá e se comunicar mais sobre nossos sentimentos? — Eu perguntei com outro sorriso preguiçoso.

Helina piscou e levantou a atenção para os meus olhos. — Tentando provar que você é um homem de verdade? — Sua voz, toda ofegante, entregou exatamente o que ela sentia.

— Se é isso que vai levar você sair comigo hoje à noite e amanhã, e no dia seguinte, então sim.

HELINA

Puta merda, seus lábios e língua balançaram meu mundo. Meu corpo se afundou no calor que irradiava dele enquanto meu foco se estreitava em conseguir o que eu queria, em vez de ser forte.

— Que tal você colocar isso em uso. — eu disse, deslizando minha mão para baixo ao longo do seu pau duro dentro da sua calça de couro, enquanto estava de pé entre suas pernas, — E depois vamos falar sobre a próxima vez.

— Preservativos estão no meu quarto. — Sua sobrancelha levantou, aqueles sonolentos olhos azuis brilhando enquanto ele segurava minha bunda.

Eu sorri, enfiando as pontas dos meus dedos sobre a cabeça inchada do seu pau preso. — É melhor que seja uma marca diferente e mais recente do que a última que você usou enquanto me fodia.

Ele gemeu. — Mesma maldita caixa.

Sua admissão aumentou um pouco os meus olhos. — Honestidade. Eu gosto disso.

— Ainda vou ser capaz de colocar isso em bom uso? — A luxúria em seus olhos me fez quase derreter minha calcinha quando ele fechou uma mão sobre a minha e apertou seu comprimento duro.

Inclinei e puxei seu lábio inferior com os dentes, lentamente puxando para trás até que a carne se soltou. — Qual o caminho para o quarto? — Eu sussurrei.

— Porra, mulher... — Ele se levantou e me levantou, ambas as mãos segurando minha bunda enquanto eu envolvia minhas pernas ao redor da sua cintura.

Ele andou a passos largos e eu chupei seu pescoço. Ele gemeu, e eu emaranhei meus dedos no cabelo mais longo em cima de sua cabeça. Ele enfiou os dedos na minha bunda e eu forcei em seu aperto, pressionando minha buceta contra seu pau.

Nós caímos na cama, Capone sobre mim, sua boca devorando a minha, tirando cada pensamento da minha cabeça. Mas, Deus... a *sensação que* ele acordou dentro de mim.

— Sua boca é pecaminosa. — ele sussurrou contra meus lábios. — Deliciosa. E a pele do seu pescoço... — Ele deslizou seu nariz até a minha clavícula enquanto eu agarrei seu cabelo novamente, e levantei meus quadris para pressionar minha buceta dolorida contra o seu comprimento duro. — Seu perfume me deixa louco. — O toque da sua língua ao longo do meu pescoço enviaram arrepios até aos meus dedos do pé.

Eu ofeguei em baixo dele quando ele se afastou um pouco para o meu lado, apoiado em um cotovelo, sua mão livre deslizando pela minha barriga.

Arrepios ondularam através de mim quando ele deslizou primeiro um dedo, em seguida, outro abaixo da minha blusa.

— Eu quero ver cada polegada de você. — ele murmurou, acariciando meu ouvido. — Eu quero provar você. Sentir sua buceta apertada apertar meu pau enquanto você goza. Eu quero ouvir meu nome em seus lábios.

Ele com certeza sabe como comunicar o que deseja... O pensamento curvou meus lábios.

— O que? — Ele perguntou, seus dedos subindo pela minha caixa torácica.

— Eu pensei que nós estávamos indo falar sobre sentimentos, não desejos.

— O que sinto por você é uma sede insaciável. Borboletas bobas no meu estômago. É como uma paixão do oitavo ano de novo. — ele respondeu sem hesitar.

Eu realmente ri, mas parei quando ele esfregou um polegar sobre o meu mamilo dolorido, um mero pedaço de renda entre nós.

— Você é tudo em que eu pensei desde que você andou pelo corredor, uma nuvem picante daquele maldito perfume enchendo meu nariz, sua mera presença preenchendo cada espaço em minha cabeça. Eu não consigo dormir. — Ele puxou meu mamilo através do meu sutiã enquanto traçava minha orelha com a língua. — Não consigo nem considerar uma das prostitutas do clube, não importa o quanto elas ofereçam.

— Como um membro bruto de gangue de motociclistas, eu acho que você tocaria qualquer bunda disposta.

— Não quando Helina Bodnar é a única que eu quero.

Minha respiração ficou presa quando ele levantou a cabeça. Ele olhou para mim, seus olhos azuis quase dominados por pupilas negras no quarto sombreado.

— Porque eu sou independente? — Eu perguntei.

— Tudo sobre você, todo aquele maldito estalo, crepitar e estourar me excita. — A abertura em seus olhos, como uma janela direta para sua alma suave, me arrastou profundamente. Eu me encontrei afundando e

não consegui encontrar uma única foda para dar. — Você é forte e independente. Um inferno de uma adversária feroz.

— Você não está intimidado por essa parte de mim?

Ele encolheu os ombros. — Um pouco, mas eu acho sexy pra caralho também.

— O que? O fato é que sou quem sou ou que você está um pouco intimidado por mim?

— Ambos. — ele respondeu com um pequeno sorriso.

Eu puxei a parte de trás do seu pescoço, mas ele não precisou de muita persuasão para terminar a conversa. Puta merda, eu o tinha julgado mal, completamente. Ele cedeu a mim, cedeu ao que eu queria sem um segundo de hesitação, sem precisar usar um estilo tipo alfa.

Perigoso…

Capone tirou minha roupa um pouco de cada vez, beijando e chupando cada centímetro, jogando pensamentos responsáveis que eu poderia ter no vento. Ainda preso em seus couros, ele se acomodou entre minhas coxas abertas e me comeu como um homem faminto, língua, dentes, lábios... cada lambida e mordidela agitando o caldeirão de necessidade fervendo por todo o meu corpo.

Minha pele ficou vermelha, aquecida. Eu agarrei seus cabelos, minhas coxas ao lado da sua cabeça enquanto ele me mostrava como uma mulher deveria ser tratada. No segundo que ele deslizou dois dedos dentro de mim, eu queimei, minhas costas arqueando e membros tremendo enquanto eu gritava seu nome.

Estou tão fodidamente ferrada... O pensamento ecoou na minha cabeça enquanto eu tentava recuperar o fôlego, meu olhar em Capone

enquanto ele arrancava suas roupas. Seus músculos... Eu lambi meus lábios, os tremores a minha buceta apertando no vazio.

— Depressa. — eu sussurrei.

Um comando dos seus lábios, um mero sussurro e meu corpo obedeceu. Eu coloquei a camisinha em tempo recorde e subi em cima dela mais uma vez. Suas pernas se envolveram ao meu redor quando eu deslizei para dentro, com uma flexão das bochechas da minha bunda.

— Porra. — Eu gemi a palavra em seu pescoço enquanto ela gemeu contra o meu ouvido.

— Sim.

Um acordo com o meu pensamento ou outro comando, eu não poderia dizer. Satisfazer Helina estava na minha mente, me conduzindo com cada movimento lento e impulso dos meus quadris. Tentando me manter sob controle de explodir minha carga muito cedo.

Sua buceta apertou em torno de mim, seus gemidos e ordens para ir mais rápido, mais forte, zumbindo meu cérebro.

Muito bom pra caralho.

Muito foda muito.

Eu segurei seu rosto em minhas mãos e a beijei enquanto deslizava para dentro e para fora da sua buceta encharcada. Devorei sua boca, tentei respirar a expiração de seus pulmões, na esperança de prendê-la dentro de mim.

Ela é dona de mim...

Estranhamente, o pensamento aqueceu meu peito ao invés de esfaquear meu peito. Gemendo, eu inclinei a cabeça para trás, o lábio inferior entre os dentes, os olhos cerrados enquanto eu empurrava dentro e fora dela, mais e mais rápido, exatamente como ela queria. Os músculos do meu corpo tremeu. O suor umedeceu minha pele. Helina gemendo em baixo de mim, suas coxas apertadas contra meus quadris, suas unhas arranhando minhas costas.

— Venha, Lina. Por favor, venha porra. — Eu bati profundamente e capturei sua boca novamente, esfregando minha pélvis contra seu clitóris.

Ela soltou, cedendo para mim. Arqueando as costas, ela pressionou seus seios contra mim e se agarrou ferozmente às minhas costas, mantendo nossas bocas fundidas com gemidos misturados entre os nossos lábios.

Minhas bolas explodiram, e com cada impulso dos meus quadris, eu enchi o preservativo com jatos do meu esperma. — Droga. — eu meio que resmunguei, lutando para respirar enquanto meu pau continuava tremendo profundamente dentro dela. — Porra, você é divina!

Saciado e tremendo, eu apoiei meus cotovelos, nossa respiração pesada acariciando o rosto um do outro enquanto nossas testas se encontravam.

Eu queria abraçar, nossas cabeças compartilhando um travesseiro enquanto compartilhamos nossos pensamentos. Nossos sentimentos.

Fodido adolescente, idiota sentimental…

Com o maxilar cerrado, recuei, suas pernas e braços caindo na cama, como se estivesse morta quando saí do seu aperto. Que visão... cabelos escuros se espalharam por toda parte, peito ainda arfando com aqueles mamilos duros e escuros. Um tremor percorreu seu corpo.

— Tão bom. — ela murmurou antes de soltar um suspiro.

— Isso significa que você sairá comigo esta noite? — Eu perguntei, um sorriso trabalhando em meus lábios enquanto eu estudava seu lindo corpo.

— Talvez.

Rindo, eu fui para o banheiro. Uma limpeza rápida, e voltei para encontrá-la imóvel. Ela pegou a toalha quente e molhada que eu tinha na minha mão, mas eu a tirei da mão dela. — Me deixe.

Helina se acomodou mais uma vez, e eu tomei meu tempo limpando a umidade do gozo das suas coxas. Entre as dobras inchadas da buceta dela. Um último golpe sobre seu clitóris e ela prendeu a respiração, e meu pau se contorceu em resposta.

— Você é como a pior droga. — eu disse, jogando a toalha de lado.

Ela endureceu e se afastou enquanto eu me estiquei ao lado dela. — Eu tenho que ir.

Porra...

— Preciso dormir um pouco. — ela disse, pegando suas roupas do chão onde eu as joguei como se não se incomodasse que ela abalou meu mundo, a percepção de que ela era minha proprietária. Ela não sentiu isso? Ela não viu o que ela fez comigo?

Franzindo a testa, eu a observei colocar sua calcinha, escondendo o céu de mim. — Você é bem-vinda para ficar aqui.

— Eu não posso. — Ela balançou a cabeça e continuou a se vestir sem olhar para mim, seus movimentos bruscos.

Eu me encontrei engolindo contra náusea súbita. — O que foi que eu disse?

— Nada. — Um sorriso rápido e falso saiu e ela começou a andar em direção à porta aberta do quarto.

Nada. — Eu achava que os advogados precisavam ser bons mentirosos.

Ela olhou para baixo, hesitou por alguns segundos, apenas o suficiente para enviar uma descarga de adrenalina pelo meu sangue, e se virou. Com os olhos duros, ela olhou para o outro lado da sala e eu lutei para não encolher contra o colchão. — Você pode ser um homem de verdade. — ela brincou, — Mas não ignora o que você escolheu para *ser*.

Eu olhei, mudo, quando ela se virou e foi embora. Um minuto depois, minha porta da frente se fechou, a finalidade daquela maldita barreira entre nós esfaqueando meu maldito coração.

Uma droga... Foi com isso que eu a comparei, foi o que a lembrou do que eu escolhi ser, um negociante sem lei que lucrava com dependentes fracos.

Eu sou um fodido perdedor, eu pensei, pressionando as palmas das minhas mãos contra os meus olhos.

Digger havia me avisado que uma mulher algum dia quebraria meu coração, mas nunca em meus anos esperei que uma mulher me destruísse do jeito que Helina tinha feito.

Eu chorei porra. Uma lágrima real deslizou pelo meu rosto, e as vozes do papai e David soaram nos meus ouvidos, chamando- me todos os tipos de nomes.

****

— Não venha. — Jonny sussurrou duramente sobre a linha.

Eu pisquei na luz do sol brilhante que entrava pelas minhas cortinas abertas, não conseguindo processar o que ele disse. — O tempo é foda?

— Não venha. — ele repetiu.

— O que?

— O chefe Rosedale teve um ataque cardíaco na noite passada. — A voz de Jonny permaneceu baixa. — Policiais estão aqui. — Ele falou.

Maldição. Eu olhei para o relógio. *Uma hora.*

— Porra. — Eu cerrei meus olhos fechados, minha mente acordando completamente quando a compreensão do que Jonny disse correu pelo meu cérebro.

O chefe Rosedale teve um ataque cardíaco, o que significava que o idiota do policial provavelmente entraria em cena para fazer o que ele estava empenhado em fazer por alguns anos, derrubar os Gliders.

— Porra! — Eu saí da cama com um gemido e joguei meu celular sobre o edredom amarrotado enquanto olhava ao redor da sala. Helina deveria ainda estar na minha cama, com a cabeça no meu travesseiro, meus lençóis e cobertores enfiados sob o queixo.

Com o maxilar cerrado, peguei um par de jeans e uma camiseta de manga comprida. Ainda de olhos arregalados, deixei meu colete em uma cadeira da cozinha, pulei no meu carro e saí da garagem.

Porra aconteceu? Enquanto havia muita tensão na voz do Jonny, o clube parecia silencioso atrás dele. Por que diabos ele me disse para ficar em casa?

Eu vi as luzes piscando a três quarteirões de distância e parei quando um arrepio deslizou pela minha espinha. Seis carros de polícia estacionaram de um lado para o outro no estacionamento do clube. Os três irmãos que tinham apartamentos no segundo andar estavam algemados do lado de fora.

Shelly e outra das prostitutas do clube estavam ao lado de um carro, os braços em volta de si, olhando para a entrada do clube.

O próprio Jenko saiu pela porta da frente, conduzindo Jonny algemado.

— Merda. — eu murmurei sob a minha respiração, minhas mãos cerradas no volante. Enquanto minha mente exigia que eu descobrisse o que tinha acontecido, o comando de Jonny soou em meus ouvidos, mantendo minha bunda no banco e o carro estacionado.

Se Jenko quisesse derrubar os Gliders, ele não hesitaria em algemar cada um de nós por algum motivo ou outro.

Ficar fora das suas garras e descobrir como ajudar se tornou minha prioridade número um.

Puxei meu celular do bolso de trás e liguei para Digger.

Ele não respondeu.

Eu tentei Maci.

— Capone! — Ela soluçou. — Eles devem ter descoberto. Oh foda… — Outro soluço saiu da sua garganta.

— Acalme-se, Maci. — Eu me afundei no meu assento quando dois carros de polícia com meus irmãos dentro saíram do estacionamento e começaram a andar em minha direção. — Que porra aconteceu?

— Policiais apareceram na porta. Eles levaram o Digger. Janie acabou de ligar e disse que colocaram Hawk de algemas, nem sequer lhe deu a chance de colocar uma camisa!

— Eles vieram no clube também. — eu disse enquanto apertava meu nariz e fechava os olhos.

— Você acha que eles sabem sobre os dois homens? Eles devem. Por que eles prenderiam o Digger?

— Eles pegaram três Gliders do clube. Jonny também. Não é por causa *disso*.

Jonny tinha nos avisado que a lei poderia estar ouvindo, sabíamos que não devia discutir detalhes da noite em que Digger tirou duas vidas.

— Onde você está? — ela perguntou, histeria ainda entrelaçando sua voz.

— Estou a poucos quarteirões do clube. — Eu olhei para cima e encontrei apenas dois carros de polícia no estacionamento. — Eles devem ter um mandado, então eu tenho certeza que eles estão vasculhando o lugar.

— Eles não vão encontrar nada, vão?

— Claro que não. — Jonny não permitia nada além de álcool no clube. Qualquer irmão encontrado com drogas ilegais, ou capturado alto deles, teria seus traseiros jogados fora. Por duas vezes, ele exigiu as cores de um irmão depois de uma segunda vez. Poderíamos lidar com as drogas, mas o uso dos ditos narcóticos não era tolerado.

Fale sobre um duplo padrão. Torceu meu estômago.

— Fique aí, Maci. Vou fazer uma ligação e voltarei para você.

Meus nervos permaneceram estranhamente calmos, enquanto folheava meu celular para um número que eu nunca iria ligar, mas Jonny insistiu que eu continuasse.

— Escritório Stanton. — Uma voz polida e feminina respondeu depois de dois toques.

— Bom dia, — eu disse. — Eu... uh... preciso falar com o Sr. Stanton imediatamente.

— E você é?

— Jeremiah Caldwell.

— Você é um cliente do Sr. Stanton?

— Não. Bem, sim. Sou amigo de Jonny Hayes.

— Jonny Hayes... — A secretária fez uma pausa por alguns segundos. — Oh. Sim. — Ela não parecia satisfeita. — Você pode esperar um momento.

Não era uma pergunta, ela me colocou em espera, onde a música clássica tocava pela linha.

— Vamos lá. — eu resmunguei e passei a mão pelo meu cabelo.

A linha clicou. — Sr. Stanton.

— Senhor. — Eu me endireitei minha voz baixa e autoritária. — Jonny Hayes e alguns outros Gliders foram presos na frente do clube.

— Sim eu sei.

— Jonny já ligou?

— Não. — O Sr. Stanton limpou a garganta. — Sr. Caldwell, é isso?

— Sim senhor.

— Eu serei honesto com você, filho. Tem havido muitos problemas ultimamente, coisas pessoais que não consigo compartilhar, mas, neste momento, não posso ajudar os Fallen Gliders.

Porra? — O que?

— Por favor, informe ao Sr. Hayes que ele precisará procurar representação em outro lugar.

A linha ficou muda e eu olhei para o meu celular, confuso. Jonny pagava bem ao advogado dos Gliders - muito bem, embora o clube não tivesse caído no nosso pescoço por mais de vinte anos.

— *Porra*? — punho cerrado, voltei minha atenção para o clube.

Shelly ainda estava encolhida ao lado de um dos policiais, impassível desde a última vez que eu a vi, mas um policial estava ao lado dela, com um tablet e uma caneta na mão.

Franzindo a testa, voltei meu foco para a porta da frente. Policiais iam e viam, de mãos vazias, graças a foda.

Eu mastiguei o interior da minha bochecha. Eles não encontrariam nenhuma droga, mas precisávamos de um advogado, caso encontrassem algo que justificasse a acusação contra nós.

Outra onda de maldições voou dos meus lábios. Não poderia ir para casa no caso deles terem uma causa provável para justificar minha prisão também. Claro que não poderia ir ao clube.

O estado nomearia um advogado, mas eu não confiaria em ninguém fora do nosso círculo. Conhecendo Jenko, ele estaria engordando os bolsos de alguém para conseguir o que queria, para os Gliders se

dispersarem e saírem da cidade. Meus irmãos precisavam de um advogado. Porra eu sabia que eu precisava dela também.

Borboletas voaram no meu estômago, eu liguei meu carro e afastei do meio-fio.

HELINA

Um milhão de “eu nunca deveria” passou rapidamente pelo meu cérebro, eu estava pesando muito, eu estava dormindo com Capone e pensando que eu tinha o que precisava para abrir minha própria maldita empresa.

Sentei-me atrás da minha mesa, olhando para a tela preta do meu computador, de novo. Parecia que foi tudo que fiz no escritório. Tentando pensar em maneiras de conseguir clientes antes de ficar sem dinheiro. *Não vai demorar,* lembrei a mim mesma enquanto movia o mouse o suficiente para trazer minha tela de volta à vida mostrando minha declaração bancária online.

Enquanto eu achava que seria uma luta por um tempo, eu realmente esperava que alguns dos clientes com quem trabalhei na empresa na cidade vizinha gostassem de mim o suficiente para permanecerem leais a *mim* ao invés dos bastardos que me escravizava. Não tive essa porra de sorte.

Eu soltei um suspiro entre meus lábios.

Dois meses, no máximo. Isso é tudo o que eu tinha fundos, se eu comesse macarrão, em vez de visitar o restaurante da Diane. Se eu comesse torradas e fizesse meu próprio café, em vez de ir no Dunks todas as manhãs. Se eu me tornasse vigilante sobre desligar as luzes quando saísse de um quarto.

Menos de sessenta dias.

Pela primeira vez desde que pus minha vida no curso de me tornar uma advogada independente, uma mulher forte que não se curvaria a

nenhum homem, vacilei com a minha confiança. Meu pai tinha me dito que eu falharia. Deus sabe que meu pai verdadeiro teria dito a mesma coisa, se ele tivesse estado em minha vida para começar.

Minha garganta se apertou e, pela primeira vez em anos, meus olhos doíam o suficiente, não consegui evitar que as lágrimas se derramassem.

Maldição. Eu bati na minha bochecha quando um suspiro saiu.

Falhei...

Eu queria dizer a mim mesma que ainda não tinha. Eu queria me apegar àqueles sessenta dias como uma mulher carente, mas isso também me faria gostar da minha mãe.

Abrindo os olhos para secar os olhos, inclinei a cabeça e olhei para o teto. Algumas respirações lentas enquanto eu contava até oito, tanto para dentro quanto para fora, isso acalmava minhas emoções, mas não diminuía o aperto no meu coração.

Sem ajuda, eu falharia, claro e simples. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu teria sucesso na minha vida. Eu engoli minha decepção, fazendo uma silenciosa Ave Maria embora eu tivesse deixado a fé da minha mãe para trás. *Não posso machucar,* eu disse a mim mesma, adicionando um segundo suspiro.

Uma batida soou na porta da frente.

Vendo como eu não podia nem me dar ao luxo de fazer isso, entrei na área da recepção. A porta de vidro me permitiu ver quem eu não queria ver de novo. O único homem que eu precisava ficar longe.

Cada músculo do meu corpo tremeu quando seu olhar enfraqueceu meus ossos.

Porra é ele...

Eu abri a porta, mas não pisei para trás para deixá-lo entrar. — O que você quer?

— Eu preciso de um advogado.

Eu bufei mesmo que seus olhos não brilhassem, nem seus lábios cheios de planos sugerissem uma piada. — Você não estará entrando em minhas calças, Capone.

— Não. Eu preciso de um *advogado*. — A intensidade do seu olhar, e não o que *eu quero foder você*, revirou meu estômago.

Eu recuei e fiz sinal para ele entrar. — O que aconteceu?

Ele entrou no meu escritório sem responder.

— Ok... — Eu arrastei a palavra enquanto fechava e trancava a porta novamente.

Capone desabou em uma das cadeiras em frente à minha mesa e se abaixou, passando a mão pelos cabelos. — Policiais invadiram o clube. Eles levaram Digger e Hawk das suas casas.

Eu não deveria ter me sentido mal por ele, mas senti porque estava sentada em frente a ele. — Me diga o que você sabe.

Levou menos de cinco minutos para ele me contar o que ele tinha visto. — Não posso deixar Jenko ter um advogado do estado. Eu preciso de alguém em quem eu possa confiar.

Confiar. Mordi o lábio enquanto ele estudava meu rosto, esperando minha resposta.

— Você deixou claro que não aprova meu estilo de vida, — continuou ele, quando eu não respondi, — Mas você é uma mulher incrivelmente forte, que não se esquiva das suas responsabilidades como

advogada. — Capone se inclinou para a frente, os cotovelos nos joelhos, o olhar de olhos azuis inabalável no meu rosto. — Eu preciso daquele fogo, Helina. Esse estalo, crepitação e pop que ajudou você a vencer cada caso que você teve.

Eu abri minha boca e a fechei novamente.

— O Google tem muitas coisas boas para dizer sobre você. — Um sorriso cruzou seus lábios, mas se dissolveu em segundos. — Eu farei o que você precisar de mim. Ajudar de qualquer maneira que eu puder. Inferno, vou me ajoelhar e implorar, Helina. Por favor.

Minha Ave Maria? Eu soltei um suspiro entre meus lábios. — Aqui está o que vamos fazer...

***

Vinte minutos mais tarde, entrei na delegacia como se fosse dona do lugar, com uma pasta na mão. As palavras de encorajamento de Capone, seu apoio, aumentaram minha confiança. Mandei que ele ficasse no escritório, caso houvesse um mandado para sua prisão também.

Eu entreguei à secretária meu cartão de visita e endireitei meus ombros. — Eu represento os Fallen Gliders. — eu disse em uma saudação.

A mulher me olhou do meu coque bagunçado para as botas pretas que eu tinha colocado mais cedo naquela manhã depois de me arrastar para fora da cama. Eu não tinha me vestido para a corte, mas calças e uma blusa legal, pelo menos, me faziam parecer profissional.

— Eu vou deixar Jenko saber que você está aqui. — Ela se virou, mas eu fiquei parada e mantive minha atenção nela enquanto ela fazia uma ligação rápida. — A Sra. Bodnar está aqui reivindicando ser o advogada dos Gliders, senhor.

Reivindicando. Eu segurei meu bufo.

Ela ouviu alguns segundos antes de desligar sem um adeus.

— Ele vai falar com você. — disse ela. — Por favor sente-se.

— Obrigada. — Em vez de sentar, recuei um pouco e fiquei de pé. Jenko demorou quinze minutos para chegar à recepção, mas não me mexi uma única vez.

— Senhora Bodnar?

— Sim. — Eu estendi minha mão.

Ele ignorou a saudação, a pele entre as sobrancelhas franzidas. Raiva brilhou em seus olhos castanhos. — Você está aqui para Jonny Hayes e o resto dos seus membros de gangue?

— Eu represento os Fallen Gliders, um clube social que deu milhares de caridades locais aqui na cidade nos últimos quarenta anos.

Com os lábios apertados, ele inclinou a cabeça em direção ao chão que ele tinha vindo. — Por aqui.

Queixo levantado, eu o segui. — Do que meus clientes que estão sendo acusados? — Perguntei quando a porta da recepção se fechou atrás de nós.

— Nós temos declarações de testemunhas que nos deram causa provável de drogas ilegais para solicitar mandados.

— As acusações formais foram feitas contra qualquer um dos meus clientes?

— Ainda não. — Ele cortou suas palavras, mas ele sugeriu que elas seriam.

Declarações, como em mais de uma. Capone havia me informado sobre o possível rato, mas o motorista do carro que estava cheio de narcóticos os entregou?

Nós entramos em uma sala, um espelho unidirecional revelando Jonny algemado e sentado na frente de uma mesa de metal. — Considerando o que esses homens *são,* — Jenko disse, uma repulsa muito aparente em seus olhos e uma contração dos seus lábios, — Nós estamos segurando-os aqui até que a busca seja concluída.

Vinte e quatro horas até que eles tivessem que deixar os Gliders irem ou apresentarem acusações contra eles...

Eu esperava que os policiais não encontrassem nada no clube, exatamente como Capone havia me dito, mas pelo que ele me disse, eu não deixaria de pensar em Jenko plantando provas também.

O olhar sombrio de Jonny pousou em mim quando passei pela porta. Ele olhou para trás, e eu endireitei meus ombros, ignorando que ele provavelmente achava que um segundo olho, provavelmente masculino, seria necessário.

— Capone me enviou. — eu disse baixinho. — Estou supondo que você falou com o Sr. Stanton?

Jonny baixou a cabeça, o rosto ilegível, uma máscara de calma.

— Você está disposto a me deixar representá-lo, ou você prefere um advogado nomeado pelo tribunal?

— Se Capone confia em você, eu confio em você.

Eu sentei na frente dele. — Estou assumindo que eles mostraram uma cópia do mandado de busca?

— Sim.

— Você não foi acusado de nada, mas a delegado Jenko parece achar que eles vão encontrar drogas ilegais dentro do clube, e com eles tendo arrastado algumas das bundas dos Gliders, eles devem acreditar que há provas suficientes para condená-lo. tudo pela intenção de distribuir.

— Eles não vão encontrar nenhuma droga dentro do clube.

Ele parecia tão seguro, tão confiante, que descansei mais facilmente em minha cadeira. — Ele disse que houve declarações de testemunhas que deram uma causa provável.

— Mentira. Eles não vão achar nada.

— O que você disse a ele?

— Eu não disse uma única palavra além de dizer que não falaria sem que meu advogado estivesse presente. — disse ele, — E os outros Gliders fizeram o mesmo.

— Bom. O Delegado Jenko entrará em breve. — eu disse enquanto tirava um bloco de anotações e uma caneta da minha pasta, — Então deixe-me falar.

— Obrigado.

Eu olhei para cima para encontrar seu olhar. — Claro.

CAPONE

Helina me ligou algumas vezes nas próximas horas, me mantendo atualizado enquanto eu me sentava e cozinhava em seu escritório. Liguei para Maci e depois para Janie, deixando elas saberem o que estava acontecendo.

Cada Glider tinha um mandado de prisão por causa de duas testemunhas, uma afirmando que drogas ilegais estavam no clube, uma mentira completa, e que nossa intenção era distribuir.

O rato é o motorista do norte? Quem mais além dos irmãos sabia sobre os negócios do clube? Como Jonny havia dito, as putas do clube não sabiam nada.

Meu celular tocou e, quando olhei para a tela, sorri de verdade. — Querida!

— Capone. — Ela meio que engasgou com o meu nome, me sentando na cadeira do escritório da Helina. — Graças a Deus! Por que Jonny ou Hawk não estão atendendo seus telefones?

— Longa história, um punhado dos Gliders foram presos e estão atualmente sentados na delegacia de polícia.

Sua respiração ficou presa. — Oh.

— Eles apareceram no final da manhã com um mandado de busca.

— Bom Lordy Todo-Poderoso. — ela sussurrou antes de soltar um par de maldições, algo que eu nunca tinha ouvido passar seus lábios. — É por isso que meus meninos não têm respondido o dia todo.

— Você está bem, querida Jane?

— N-não. — Eu fiz uma careta, mas ela continuou antes que eu pudesse perguntar por que não. — Acho que posso ter descoberto o que esses policiais estavam fazendo durante a limpeza esta manhã. Jonny não conseguiu entrar antes de eu sair, então levei a caixa comigo. Não vou deixar meus garotos colocarem as mãos nessas coisas.

— Merda. — Eu sentei de volta realmente rápido. — O que está na caixa?

— Comprimidos. Muitos deles. Mais do que um homem solteiro precisaria.

Amaldiçoei mais algumas vezes, percebendo que alguém deve ter plantado a merda, porque eu apostaria a minha vida que nenhum dos Gliders usava. — Onde você achou?

— Sob a pia em um dos quartos do terceiro andar.

Um dos quartos semelhantes a um hotel, equipado para uma rápida foda. Eu esfreguei a mão no meu rosto. — Você pode me fazer um favor, querida, espere até eu entrar em contato com você?

— Eu prefiro jogar tudo no vaso sanitário e queimar as garrafas e as bolsas o nos fundos.

— Melhor idéia.

Ela bufou.— Ainda bem que eu achei primeiro.

— Você não está brincando. Vou te ligar assim que souber mais, querida. Obrigado por salvar a bunda dos Gliders.

Joguei meu celular de volta na mesa da Helina depois que Jane desligou, sentei e belisquei a ponta do meu nariz pelo menos pela décima

vez nas duas horas anteriores. Digger procurou o rato mas não tinha agitado nada para a superfície que eu tinha ouvido, e nós não tivemos nenhuma outra maneira de descobrir quem vazou segredos do clube. O que precisávamos fazer era montar uma armadilha, uma vez que toda a merda de mandado desaparecesse.

Um texto recebido soou no meu telefone.

Helina: Eu vou ficar aqui por um tempo. Já que ainda há um mandado para sua prisão, por que você não vai para o meu lugar e dorme. Eu estarei lá quando puder.

Eu sorri, meus dedos voando sobre a tela. Você está escondendo um homem da lei.

Helina: Não dê a mínima, pois sei que você será cobrado.

Uma risada retumbou no meu peito. Terrivelmente confiante.

Helina: Esse é o meu trabalho. Agora faça o que eu mandei.

Eu não pude deixar de responder, sim, senhora.

Eu precisava contar a ela sobre as novidades, mas não estava prestes a revelar segredos sobre isso, apenas no caso.

***

Quatro horas depois, o rangido da porta do quarto de Helina me acordou. Eu dormi como um homem morto, em uma cama e cobertores que cheiravam com seu perfume picante. Fale sobre porra despertando... cercado por tudo de Helina, exceto a própria mulher. Não me masturbar tinha sido uma das mais difíceis tentações que eu tinha lidado.

O esgotamento acabou vencendo por volta da uma.

A luz do teto acendeu, e eu pisquei contra a luz, tentando me concentrar na beleza que se aproximava da cama. Ela tirou os sapatos e caiu ao meu lado, de bruços.

— Você está bem? — Eu perguntei, rolando e deslizando um braço debaixo do travesseiro.

— Tão cansada.

— Por que você não tira essas roupas e deita aqui comigo? Eu faço uma massagem média.

Helina fez um grunhido de concordância e tirou as roupas sem se levantar. Sutiã de renda branca. Calcinha fio dental. Um movimento dos seus dedos libertou seus seios exuberantes, mas ela desabou sobre o colchão antes que eu pensasse em alcançá-los.

Meu pau inchou em atenção com o meu gemido, e eu me sentei, as pontas dos meus dedos arrastando sobre sua pele bronzeada e lisa das suas costas.

— Os homens do Jenko ainda não encontraram nada. — ela murmurou, suas bochechas pressionadas no travesseiro.

Eu pressionei meus polegares nos músculos da parte inferior das costas e esfreguei em círculos. — Eles não vão porque Jane encontrou esta manhã.

Helina endureceu em baixo de mim. — O que?

— Querida Jane. — nossa faxineira. Ela encontrou uma caixa de narcóticos em um dos quartos acima do clube.

— Ela ainda tem isso?

— Ela me disse que ia jogá-los no vaso sanitário e queimar os recipientes.

Um suspiro pesado soprou entre seus lábios quando Helina afundou de volta no colchão. — A quem eles pertenciam?

— Nenhum dos meus irmãos, eu apostaria minha vida nesse fato.

Ela gemeu quando eu movi minhas mãos para cima, enchendo uma gota de pré-gozo na ponta do meu pau. — Você acha que essa é a prova de que Jenko falou?

— A evidência que o rato plantou antes de chamá-lo, sim. — Eu não hesitei em responder.

— Alguém realmente quer derrubar vocês, né?

Eu considerei sua pergunta por alguns segundos enquanto trabalhava os músculos ao longo da sua espinha. Pele macia... Eu respirei fundo, inalando seu perfume picante profundamente em meus pulmões. — Parece que sim. Quando os garotos forem soltos, vamos ter que descobrir uma maneira de expulsar esse rato do clube.

— Eles sairão em breve. Eu só saí porque não conseguia manter os olhos abertos e Jonny insistiu que eu voltasse para casa.

Continuei trabalhando os músculos das suas costas até que ela ficou relaxada, sua respiração pesada, ao contrário da minha, a dela veio do sono.

Inchado e pingando, meu pau exigia atenção. Um voyeur de um lado para o outro, deitei de costas e espalmei meu pau enquanto a observava dormir. Eu nem sequer dei a mínima se ela acordasse e me chamasse de um filho da puta assustador, eu me empurrei para pensamentos do meu pau deslizando entre seus lábios entreabertos, enterrando profundo entre

suas coxas, e memórias dos seus suspiros e gritos enquanto estava gozando.

Com um grunhido, jorrei sobre meu abdômen contraído e peito, jorros de cordas brancas sobre minha pele. Longe da satisfação de compartilhar o lançamento com ela.

Helina não se mexeu.

Meu telefone apitou, me tirando do sono profundo algumas horas depois. Helina e eu acabamos emaranhados juntos, seu lençol nos envolvendo como um casulo.

Eu trabalhei um braço livre e peguei meu celular fora da cama.

Jonny: Estamos livre. Vá para o clube.

Uma resposta rápida de um simples “ok” e eu olhei de volta para a bela adormecida para encontrar os olhos dela piscando abertos. Mais verde que marrom, seus olhos felinos se focaram em mim.

Eu pressionei meus lábios em sua testa enquanto minha madeira semi-matinal sentia sua calcinha de renda esfregando contra o meu comprimento. Com um gemido, eu me afastei, lutando para me acalmar. — Eu tenho que ir ao clube.

— Eles foram libertados? — ela perguntou, rolando de costas.

— Sim.

Eu puxei minhas roupas que deixei no chão, tomando nota da escuridão antes do amanhecer em torno das suas cortinas. Passando a mão pelo meu cabelo, me virei para encontrá-la me estudando. Um joelho na cama, eu me inclinei sobre ela, colocando meu rosto na linha dela, mas não tão perto que minha respiração a faria desmaiar.

— Eu não posso te agradecer o suficiente pelo que você fez na noite passada. Concordando em ajudar meus irmãos... — Eu balancei minha cabeça. — Espero que você perceba que isso mostra o quanto eu confio em você, na sua capacidade como advogada.

Ela assentiu com a cabeça, ainda olhando para mim, e foda se eu não queria arrancar minhas roupas novamente e me envolver em torno do seu corpo.

— Eu sei que isso coloca você em uma posição desconfortável nos defendendo com o nosso estilo de vida que você não concorda, — eu disse, forçando os pensamentos da sua suavidade e calor da minha cabeça. — Obrigado.

Ela encolheu os ombros. — Estou desesperada por clientes.

Sua honestidade golpeou como uma faca no meu peito, e eu recuei da cama sem beijá-la como planejei fazer. Enquanto eu não esperava por um "eu fiz isso por você" eu esperava algo similar, algo na linha de revelar que ela se importava comigo além de um mero nada, obrigado, senhor.

— Eu tenho que ir. — Eu me virei e saí sem outra palavra.

Lutando para lidar com a faca em meu coração, liguei para Jonny no caminho e ele foi muito vago, como se soubesse que Jane havia encontrado e se livrado de alguma merda. Ele amaldiçoou o fato de que ela já poderia ter destruído as provas, mas eu não sabia sobre um dos seus contatos secretos que poderia puxar e executar impressões digitais. Ele rosnou para eu apressar antes de cortar a ligação.

Duplamente me sentindo uma merda, eu dirigi o resto do caminho em silêncio, desejando como uma merda tomar uma xícara de café.

A sala principal do clube estava lotada quando entrei pela porta. Nenhuma música tocava nos alto-falantes, simplesmente um ruído de vozes baixas enchendo a área.

Eu estava de pé ao longo da parede dos fundos, de braços cruzados, e acenei para Jonny quando seu olhar pousou em mim.

Ele levantou a mão e todos se aquietaram. — Alguns irmãos não estarão aqui por mais uma hora, mas eu não estou esperando. — Seu olhar sombrio examinou a sala, e até eu senti um arrepio de medo percorrer minha espinha no brilho determinado em seus olhos. — Para aqueles de vocês que perderam a hospitalidade do Jenko durante a noite, eu contarei curto e rápido. Alguém plantou uma caixa de narcóticos aqui no clube e chamou a polícia.

Silêncio mortal permaneceu enquanto ele, Hawk e Digger olhavam para os homens, provavelmente esperando que eles contassem para passar o rosto de alguém. Mesmo que eu fosse um inocente completo, eu ainda me movi quando o olhar de Digger passou por mim. Se eu não soubesse, nunca teria pensado que compartilhávamos mulheres dezenas de vezes. Bastardo de coração frio parecia pronto para rasgar alguém em pedacinhos com a raiva em seus olhos e as veias e a protuberância de músculos em seus braços cruzados.

— Mesmo que eu esteja cansado como uma merda e chateado pra caralho. — Jonny disse alguns segundos depois, — Eu estou de bom humor.

Hawk fez uma careta ao redor do palito entre os dentes. Digger resmungou algumas maldições.

Jonny ignorou Digger e continuou a estudar o grupo silencioso e imóvel diante dele. — Se você é um rato, dê um passo à frente agora, e vou acabar com você rapidamente com uma bala entre os olhos.

Eu juro que ouvi um maldito alfinete cair.

— Se eu descobrir mais tarde que era um de vocês, — continuou Jonny quando ninguém confessou, — Eu vou sorrir e gritar nos seus malditos lábios enquanto os membros serão cortados do seu corpo. Eu vou alimentar sua dor, arrancar seu pau e coração para fora da porra do seu corpo.

Digger realmente sorriu, uma selvageria em seus olhos que enviou um segundo arrepio através de mim.

— Aceite a bala. — disse Hawk, mais uma vez examinando a sala.

Ninguém se adiantou. Ninguém nem mudou de posição, os dois em pé.

— Não? — Jonny gritou. — Última chance.

O clube ficou quieto por mais um minuto.

— OK. — Jonny relaxou os ombros, mas seu olhar permaneceu penetrante. — Haverá algumas mudanças acontecendo por aqui, primeiro não tendo mais prostitutas.

Alguns grunhidos estouraram.

— Não é problema meu se vocês não conseguem alguém para te chupar fora dessas paredes. — disse Jonny, acalmando os homens novamente. — Mas, se um de vocês é pego por estar com uma prostituta, ou é preso por proposição de um policial disfarçado, suas cores são minhas.

Minhas sobrancelhas arquearam.

— Enquanto eu odeio até mesmo pensar que um de vocês plantou merda e questionou sobre isso, eu sei que é possível. Cada fodido de

vocês vai se sentar e conversar um pouco com nós três - disse Jonny, apontando para Digger e Hawk ao seu lado. — Se você é leal, não tem nada a temer. Eu sei que isso vai irritar alguns de vocês, mas depois de ser preso por Jenko e os babacas trabalhando com ele, eu não dou a mínima. É hora de limpar a casa.

Alguns homens assentiram, olhando ao redor como se tentassem farejar quem poderia ter se virado contra o clube.

Se alguém deixasse o radar sem avisar os líderes dos Gliders, eu não me surpreenderia. Foda-se, se eu fosse culpado, eu gostaria de viver. A única maneira de fazer isso seria dar o fora. Rápido pra caralho.

HELINA

Eu não deveria ter me sentido culpada por cobrar Jonny Hayes, presidente dos Fallen Gliders, mas eu fiz. Apenas uma semana depois de representá-lo e a dúzia de outros Gliders na delegacia, enviei um comunicado ao endereço de e-mail que ele havia me dito. Ele havia prometido aos Gliders o pagamento integral, na hora certa, ligando diretamente a uma conta bancária - uma vez que preferiam nunca dever nada a ninguém.

Eu imaginei que ele possuir um clube livre e claro deve ser legal. Nenhuma conta pairando sobre as cabeças dos Gliders.

Devendo o aluguel no meu escritório e meus fundos diminuindo, não pude deixar de cobrar. Eu tinha dinheiro no banco, mas a ansiedade tirava o melhor de mim. Eu mandei o maldito e-mail, a palavra “desesperada” soando em meus ouvidos, mas pelo menos eu não o tinha acusado pelo par de vezes que falamos ao telefone sobre assuntos do clube e ele me disse coisas que eu precisava saber.

Capone nunca me ligou. Eu nunca liguei para ele.

O jeito que ele saiu, a dor que eu vi em seus olhos quando eu disse que estava desesperada por clientes, me rasgou. Eu deveria ter dito algo diferente, mas ao contrário de Capone, eu nunca tinha sido boa em compartilhar como eu me sentia, especialmente as emoções do tipo em relação a um homem que eu nunca tinha experimentado antes de conhecê-lo.

— Foi o melhor. — eu murmurei para mim mesma o que eu estava dizendo desde a manhã em que ele saiu. Se ao menos meu coração pensasse como a minha cabeça.

Soprando uma respiração entre meus lábios, eu voltei para o arquivo do divórcio do meu primo, precisando me preparar para a próxima audiência.

Menos de uma hora depois, recebi uma notificação da transferência eletrônica.

Jonny tinha adicionado um zero na conta.

— Sr. Hayes, — eu disse quando ele respondeu. — É a Sra. Bodnar.

— Você recebeu o pagamento? — ele perguntou, direto ao ponto, como sempre.

— Sim. — Eu fiz uma careta para a tela do meu computador, na minha conta bancária. — Mas parece que você adicionou um zero em seu pagamento.

— Eu fiz. — Eu abri minha boca, mas ele me cortou de discutir. — Não é um suborno. — disse ele. — Eu não estou tentando engraxar seu bolso e comprá-la.

— Então, para que serve todo aquele dinheiro extra?

— Por um trabalho bem feito. Por ter ido na hora sem saber nada sobre os Gliders e seus negócios.

— Eu tenho estado desesperada por clientes. — eu me ouvi dizer novamente.

— Capone não teve nada além de grandes coisas a dizer sobre você pessoalmente, e o histórico que você tem... Bem, eu gostaria de mantê-la como o advogada dos Gliders, se você estiver disposta.

Um presidente de gangue de motos confiava em mim o suficiente para me contratar para o futuro deles. Eles poderiam ser sem lei, mas eu precisava reconhecê-los como eu havia dito ao delegado Jenko, homens que cuidavam de sua comunidade necessitada. As reformas do YMCA que eles ajudaram a financiar. O departamento de educação especial da nossa escola elementar tinha necessidades monetárias, e os Gliders haviam entrado com uma doação grande o suficiente, nenhuma captação de recursos adicional foi necessária por dois anos. Inúmeras outras doações nos últimos quarenta anos ajudaram os necessitados dentro da comunidade.

Eu realmente sorri quando meus pensamentos se suavizaram. — *Estou* disposta.

— Fico feliz em ouvir isso. — disse ele. — E uma última coisa.

— Sim?

— Sobre Capone.

— E ele? — Meu tom permaneceu o mesmo, graças a Deus.

— Você segura o coração dele nas suas mãos. Espero que você perceba que tesouro é esse.

Eu encontrei meus lábios se contraindo, embora meu estômago se apertasse. — Sr. Hayes, eu nunca pensei que você era um romântico.

Jonny bufou. — Eu não sou. — Sua resposta rouca não mudou meus pensamentos, no entanto. — Não o machuque, senhorita Bodnar.

Meus lábios se encolheram, mas não me ofendi com a clara ameaça. — Eu acredito que já fiz.

— Ele tem sido um desgraçado miserável a semana toda, e para ser honesto, estou farto disso.

Eu não sabia o que dizer, então mantive minha armadilha fechada.

— Ele é leal. — continuou Jonny. — Um dos homens mais generosos e gentis que conheço. Suave como uma uva mole. — Ele riu das suas palavras.

— Ele é, não é? — Eu perguntei, correndo uma unha ao longo da borda da minha mesa.

— Ele colocaria o mundo aos seus pés se você mandasse.

Meu sorriso retornou à sua escolha de palavras. — Mandasse, não pedisse?

— Ele é submisso por natureza, mas isso não o torna menos homem.

Eu considerei suas palavras muito depois que desligamos.

Helina: Meu dia foi uma merda. Alguma chance de você vir e me animar?

Eu olhei para o texto por dois minutos inteiros. Ela queria transar ou ficar comigo eu realmente a animava? Ela não tinha escrúpulos em expressar seus desejos enquanto eu a fodia, mas fora isso? Além de irritada, a mulher não sabia como comunicar o que sentia por mim.

Respirando fundo, considerei seu convite. Ir para o seu lugar e ter meu coração partido ainda mais quando ela se cansasse de mim, ou aproveitar cada segundo que ela oferecia, cada centímetro de pele que ela me permitir tocar e provar?

Foda-se. Eu gemi quando meu pau inchou nas minhas calças.

Eu estava fodidamente infeliz desde que saí do apartamento dela. Miserável com a agitação no clube, minha única razão de ser feliz. Minha vida era um desperdício. Eu não tinha ambição de fazer nada além de cozinhar desde que Helina me esfaqueou o coração.

Tendo descoberto a bola e a corrente "*amor*" por isso, porra tinha que ser isso o que eu sentia por Helina, eu não queria viver minha vida sem ela. Não valeria a pena o esforço.

Compará-la a uma droga pode não ser o que ela queria, mas era o que ela era para mim. Ela entrou na minha corrente sanguínea com uma explosão de energia e vida que eu não tinha percebido que estava perdendo.

Quando.

Finalmente mandei uma mensagem de volta, precisando de mais dela, independentemente de como eu me sentiria depois.

Fodidas drogas. Nós precisávamos parar...

Helina: Eu estou tentando cozinhar, então seis e meia? Você traz sobremesa.

Oh, eu vou levar a sobremesa, tudo bem, eu pensei comigo mesmo enquanto mandava uma resposta afirmativa. A mulher estava em um tratamento especial, o tipo que só poderia mostrar como fodidamente perfeitos nós éramos um para o outro.

***

Borboletas fizeram minhas mãos tremerem, e eu esfreguei através do meu cabelo antes de pressionar a campainha ao lado da porta da frente. Ela deve ter me visto chegando, ou estava esperando, porque a porta se abriu.

Rosa tingiu suas bochechas, seus olhos cor de avelã felinos encontrando os meus com um brilho de luz que eu não esperava. — Ei.

— Ei para você também. — eu disse, encharcando cada centímetro ao sul do seu sorriso. Curva profunda que eu poderia me perder. Um vestidinho cor-de-rosa com o mais fofo avental de flores amarelas e azuis. Não correspondia a merda, mas amarrada ao redor da sua cintura, o pedaço arredondado de material acentuava suas curvas. — Porra, mulher... — Pernas nuas do joelho para baixo, incluindo pés com um rosa pálido. — Você parece boa o suficiente para comer. — eu disse, finalmente erguendo o olhar para seu rosto novamente.

Seu sorriso se iluminou. — Obrigada. — ela meio ronronou, toda com rosto e com aparência de sereia. — Entre.

Eu passei por ela, lutando contra a necessidade de me ajustar enquanto seu perfume pairava sobre mim.

— Que doce você me trouxe? — ela perguntou, pegando a sacola que eu segurava.

Eu puxei de volta do seu alcance. — Comida primeiro.

Ela rolou seus olhos, seus lábios em um biquinho sexy que eu queria beijar, mas ela se virou antes que eu fizesse um movimento. — Eu espero que esteja tudo bom...

— O que você fez? — Eu perguntei, seguindo de volta o curto corredor para a cozinha.

— Você quer dizer o que eu *tentei* fazer?

Eu ri e coloquei a sacola no topo da ilha.

— Um frango assado, mas eu falhei. — Ela pegou algumas panelas do fogão. Até as luvas nas mãos dela me davam vontade de dobrá-la sobre a mesa, tirar os talheres e a única vela cintilando entre eles. — Eu comprei comida da Diane.

Mordendo outra risada, eu me movi em direção à garrafa vermelha e peguei um abridor de vinho, ela apontou para mim. — Não pode dar errado com Diane. — eu disse.

— Não ria.

Eu deixei voar. — Não sabe cozinhar uma merda, mas com certeza você parece sexy pra caralho nessa coisa de dona de casa.

Ela bufou e colocou o bolonhesa na mesa. — Graças a Deus escolhi o tipo de carreira que me dará uma faxineira e comida para viagem.

Eu queria oferecer meus serviços de chef diariamente, mas ainda não tinha certeza de como ela se sentia, eu servi o vinho e lhe ofereci um copo quando ela parou ao meu lado.

— Felicidades? — Eu perguntei, levantando meu copo.

— Á minha mudança, e um novo cliente. — ela respondeu, tilintando seu copo contra o meu. — Obrigada. — Sua voz baixou junto com os cantos de seus lábios. — Eu sei que você fez.

Dei de ombros e senti a temperatura do quarto.

— Eu nunca tive um homem acreditando em mim do jeito que você faz.

— Então eles são cegos. Ou simplesmente idiota.

Seu sorriso voltou junto com o brilho em seus olhos enquanto ela levantava o copo.

— Achei que você teve um dia ruim?

O sorriso de Helina se alargou, e ela se virou, balançando a bunda enquanto caminhava até a mesa.

Soltei um gemido e segui para puxar a cadeira para ela.

— Obrigada. — Ela puxou a cadeira para a frente e, incapaz de me ajudar, puxei seu cabelo para um dos ombros e apertei meus lábios contra o que eu havia descoberto. Sua cabeça inclinou para o lado enquanto ela suspirava, e eu me permiti mais alguns gostos do seu pescoço, respirando-a tão profundamente que meu pau doía.

Eu me afastei e ela soltou um suspiro irritado. — Se eu não estivesse com tanta fome, — ela disse, — Eu diria para você não parar.

Sorrindo, eu me acomodei na cadeira. — Eu pensei que os advogados precisavam ser bons mentirosos. — eu disse, da mesma forma que fiz antes.

— Sobre o que eu menti? — ela perguntou, uma sobrancelha levantada enquanto servia a massa.

— Sobre o dia ruim.

— Oh. — Ela sorriu e terminou de colocar nossa comida. — Sobre isso. — Copo de vinho mais uma vez na mão, ela girou entre os dedos, seu olhar sobre o líquido vermelho no interior. — Foi ruim porque fiquei desapontada comigo mesma.

— Pelo?

— Pelo julgamento que eu coloquei em você desde que nos conhecemos no casamento. — Ela tomou um gole e colocou o vinho de volta na mesa. — Você ofereceu perdão na outra manhã no café da manhã, e eu nunca me desculpei.

— Você estava certa em pensar do jeito que você fez. — Eu girei um pouco de massa no meu garfo, não encontrando seu olhar firme, eu juro que eu podia sentir no meu rosto. — Eu escolhi um estilo de vida sem lei, conhecido por sua violência e desrespeito às boas maneiras.

— Mas…

Eu enfiei a garfada na minha boca, finalmente levantando minha atenção para o rosto dela. Ela observou meus lábios enquanto eu mastigava. — Mas? — Eu perguntei quando eu engoli.

— Mas o grupo com o qual você se juntou também é conhecido por sua generosidade. Seu apoio com a população local.

— Não faz nossos erros menores.

Um pequeno sorriso inclinou os lábios para cima. — Não, mas todos, inclusive os advogados, têm pedaços desagradáveis em suas vidas.

— Ninguém é perfeito. — eu concordei, girando outra garfada. — Então, não mais me julgando?

— Não, mas há mais.

Eu levantei uma sobrancelha, esperando.

— Eu quero me desculpar por ir até você e envergonhá-lo na frente dos seus irmãos. Por supor que você é um babaca alfa como os motociclistas no meu passado. Por usar você para sexo.

Eu sorri abertamente. — Estou pronto e disposto a ser aproveitado dessa maneira a *qualquer* momento, Lina.

Ela mordeu de volta seu sorriso. — Eu não me desculpo pela minha natureza dominadora...

— É sexy pra caralho.

— Mas meu meio de comunicar minhas emoções definitivamente poderia precisar de algum trabalho. Você pode encontrar em si mesmo para ser paciente comigo?

— Eu *poderia*.

Helina estreitou seu olhar. — Você poderia? Por favor?

— Eu adoraria.

Nós dois sorrimos, nós comemos de verdade, enchendo os buracos em nossos estômagos enquanto conversávamos sobre nossas infâncias e os idiotas narcisistas.

Eu fiquei ao lado dela, secando os pratos que ela lavava, desejando como o inferno que eu pudesse fazer a mesma coisa toda maldita noite.

— Mais vinho? — ela perguntou, assim que terminamos.

— Que tal sobremesa em vez disso? — Peguei a sacola e, quando ela fez um barulho de acordo, peguei um recipiente Tupperware, de costas para ela.

— O que é isso? — ela perguntou, tentando se inclinar sobre o meu ombro enquanto eu tirava a tampa.

Recipiente em ambas as mãos, eu me virei, meu olhar colado no rosto dela. — Um gosto do que poderíamos ser.

— Minha fraqueza... — Ela sussurrou as palavras e ergueu os olhos para as delícias caseiras de Rice Krispie.

Meu pulso disparou, mas eu precisava jogar tudo pra fora, acabar com o coração partido se é isso que está no meu futuro. — Somos um ajuste perfeito, Helina Bodnar. Tudo isso estala e crepita, seu fogo, sua força... eu quero tudo.

— Nenhum homem nunca me apoiou como você. — ela sussurrou. — Não me edificou do jeito que você faz.

— Eles são cegos. — eu disse novamente.

— Eles não são homens de verdade. — ela respondeu, com um brilho nos olhos.

— Não foi homem o suficiente para você.

— Você é homem o suficiente para mim, Jeremiah Caldwell?

Eu me encolhi com o uso do meu nome completo. — Eu sou o único homem para você, e você sabe no fundo que eu falo a verdade. Me diga para ficar, Helina.

Ela pegou um dos quadrados pegajosos. — Não vá. — Metade desapareceu entre seus lábios em uma mordida.

— Você não poderia simplesmente dizer o que eu disse a você, poderia?

— Acostume-se a isso.

Eu quase joguei o recipiente de volta na pia atrás de mim, sorrindo como um idiota. — Sim, senhora. — eu disse, agarrando sua cintura e puxando-a contra mim.

Ela provou como o pedaço mais divino do céu. Meu paraíso, minha bola e corrente.